

# Correio das Artes

Suplemento  
literário do  
Jornal **A União**

Maio - 2019  
Ano LXX - Nº 3  
R\$ 6,00



Exemplar encartado no Jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

**Escrever é  
um dom ou  
se aprende  
na escola?**

Conversamos com autores sobre a polêmica gerada em torno  
dos cursos de escrita criativa, uma febre em todo o país

# GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

## Os destinos do Gira-mundo



2017

50 estudantes - Canadá  
25 estudantes - Espanha  
25 estudantes - Portugal  
55 Professores - Finlândia

2019

50 estudantes - Canadá  
3 professores - Canadá  
20 professores - Finlândia

### Próximo destino:

100 estudantes - Canadá  
50 estudantes - Espanha  
25 estudantes - Portugal  
25 estudantes - Argentina  
80 professores - Finlândia  
20 professores - Israel



**A UNIÃO**  
Comunidade e educação

126  
Linha

## Correio das Artes, uma honra!

Você é muito corajoso, me disse um colega quando lhe falei que a matéria de capa desta edição era sobre os cursos e oficinas de escrita criativa, um “hit” de Norte e Sul do país, ministradas por desde autores famosos a ilustres desconhecidos. A advertência veio da polêmica que paira sobre o tema: afinal, de um lado há quem defenda as oficinas que “ensinam o escritor a escrever”, como já ouvi; do outro, os que apontam que é tudo oportunismo, afinal “não se ensina escritor a escrever”.

Para estreiar como editor no Correio das Artes, pensei que o tema era relevante. Afinal, é para isso que existe o suplemento mais antigo do Brasil: para discutir temas relevantes, chamar o debate, ouvir os artistas e, por fim, provocar reflexões, idéias e contribuir para a formação cultural, intelectual e histórica de cada leitor que se dispõe a mergulhar nestas pági-

**Chegar à editoria do Correio das Artes é a coroação de uma carreira jornalística que já vai com 23 anos – e contando!**

nas que você tem em mãos.

Chegar à editoria do Correio das Artes é a coroação de uma carreira jornalística que já vai com 23 anos – e contando! Destes, 20 anos foram dedicados à pauta de arte, cultura e entretenimento que ajudei a construir em três jornais aqui de João Pessoa: Correio da Paraíba, O Norte e o Jornal da Paraíba, onde fiquei por 15 anos.

Duas décadas de muito trabalho e a satisfação de ter ajudado a escrever a história de autores, músicos, cineastas, atores, diretores, quadrinistas, artistas, pintores, fotógrafos e tantos outros que fazem, da arte, um razão de ser e de estar, e ter contribuído para a formação de milhares de leitores que chegaram até os textos que publiquei, fossem meus, ou dos meus colegas que sempre me orgulharam pelo talento, esforço e dedicação imensuráveis.

O trabalho continua, agora com a responsabilidade redobrada de manter o alto nível que William Costa, um dos mais importantes jornalistas da área de cultura da Paraíba, vinha imprimindo na publicação ao longo dos últimos anos e honrar a extraordinária galeria de editores do Correio das Artes. Por isso, mãos à obra!

O Editor

## índice



### HISTÓRIA

Josemir Camilo de Melo analisa o livro 'O Crime de Carlota Lúcia de Brito: A Verdade dos Fatos', sobre uma personagem que viveu na PB no século 19.



### ARTES VISUAIS

Morto há exatos 500 anos, o pintor renascentista Leonardo Da Vinci tem seu legado analisado por artistas e estudiosos da arte.



### CRÔNICA

Tiago Germano estreia coluna no Correio das Artes falando sobre a influência de um suplemento na vida de um aspirante a poeta.



### CRÍTICA

Krishnamurti Góes dos Anjos analisa o mais recente livro de Políbio Alves, 'Acendedor de Relâmpagos': “Pujança criativa de feições épicas”.



OUVIDORIA:  
99143-6762



**Albiege Léa Fernandes**  
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Maria Eduarda dos Santos Figueiredo**  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

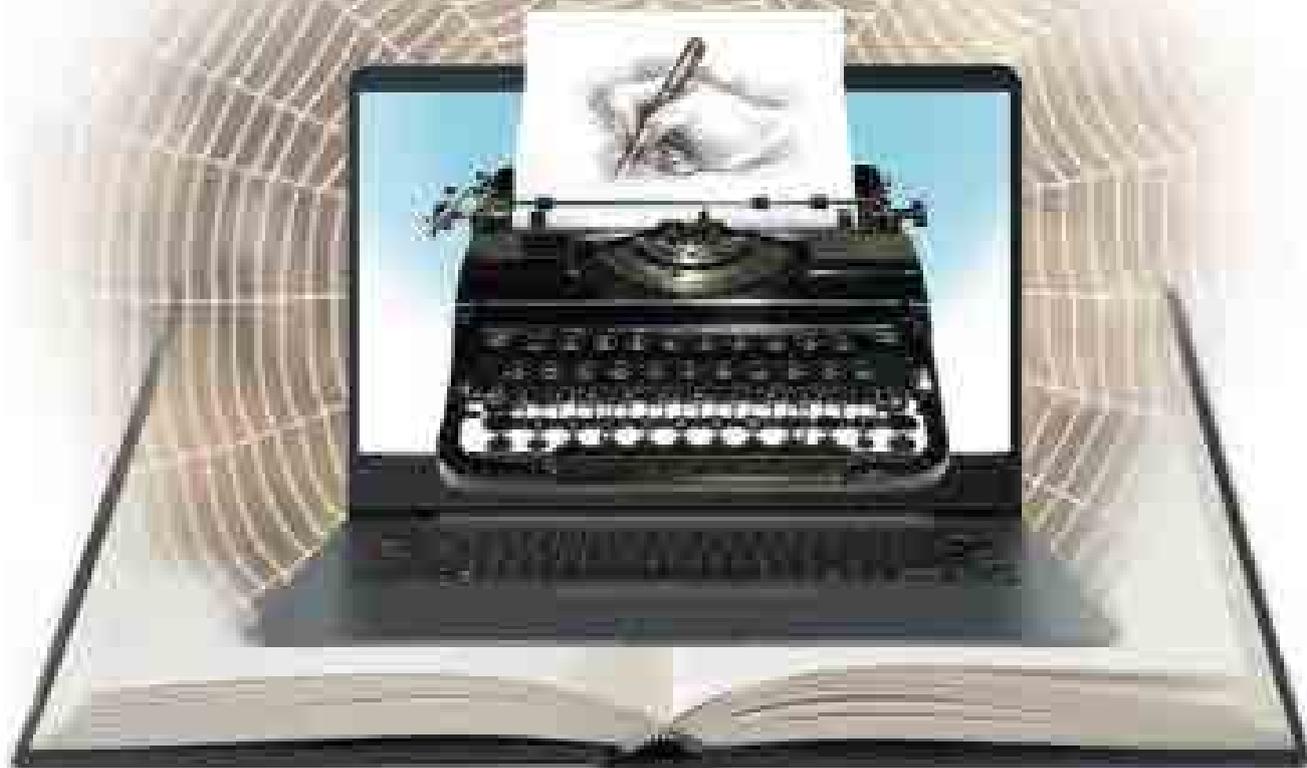
**Correio das Artes**  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Phelipe Caldas** GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA  
**André Cananéa** EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

**Paulo Sérgio de Azevedo**  
DIAGRAMAÇÃO  
**Domingos Sávio**  
Arte da Capa

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509



# Criatividade se aprende na escola?

AUTORES DISCUTEM A EFICÁCIA DOS CURSOS DE 'ESCRITA CRIATIVA', QUE SE TORNARAM FEBRE EM TODO O PAÍS

**Linaldo Guedes**  
linaldo.guedes@gmail.com

**E** escrever é um dom ou se aprende na escola? O tema é polêmico e desde que o mundo literário é mundo que volta e meia o assunto vem à tona. Ao longo de décadas e séculos, autores e autoras das mais diversas matizes literárias fazem palestras, participam de mesas redondas e lançam livros ensinando ou dando dicas de como se escrever bem, de como se tornar um escritor. Além disso, oficinas literárias sempre existiram sem maiores questionamentos. Mas, nos últimos anos, o universo literário tem se agitado por conta de uma polêmica em torno da existência dos cursos de Escrita Criativa. Afinal, para que eles servem? Para ensinar a escrever? Para formar novos escritores?

Escritor com formação superior em Escrita Criativa, Tiago Germano é um dos maiores defensores do curso, inclusive em redes sociais. Ele tenta ser didático ao falar

sobre o curso. Do ponto de vista prático, explica, a escrita criativa está associada às oficinas de criação literária; do ponto de vista acadêmico, a área é muito mais que isso.

Tiago gosta de pensar que a escrita criativa surgiu quando o primeiro escritor se viu diante do desafio de escrever. “Escrever sempre é um ato de refletir sobre a literatura, e é isso que a escrita criativa faz. Formalmente, porém, ela surgiu em meados do século 19, nos EUA, quando as primeiras universidades começaram a abrir seus laboratórios de “creative writing” (é do termo em inglês que surge o tão controverso conceito em português)”, acrescenta. No Brasil, tem cursos funcionando na PU-CRS no Rio Grande do Sul, Instituto Vera Cruz em São Paulo, FAAP em São Paulo, NESPE no Rio de Janeiro, PUC Minas em Minas Gerais, Centro Universitário Farias Brito em Fortaleza, Fafire em Recife, e está sendo aberta uma especialização na área pela Unicorp em Campina Grande e João Pessoa. ▶

► Para Tiago, a escrita criativa proporciona um conhecimento um pouco mais aprofundado do próprio processo de escrita. “Gosto de fazer um paralelo com a atividade física: embora não seja importante que um atleta conheça sua anatomia como um médico conhece, é bastante desejável que ele saiba como o seu corpo funciona, bem como o que ele, como atleta, pode fazer para que este corpo - a sua ferramenta de trabalho - tenha um melhor desempenho na sua atividade”, compara.

Entre os que apontam desvantagens nos cursos de Escrita Criativa, estão os que dizem que conhecer melhor o processo de escrita é, supostamente, um caminho para o automatismo desse processo. “Eu não acredito nisso. A escrita criativa não despreza os aspectos inconscientes que há na criação literária, pelo contrário: ela os incorpora a fim de estimulá-los”, observa Tiago.

E qual a diferença entre oficina literária e Escrita Criativa? “A mesma diferença que haveria entre um workshop de música ou de artes plásticas e o que são, conceitualmente, a música ou as artes plásticas. A oficina literária é apenas uma atividade que os profissionais da área promovem”, comenta Tiago.

Para o escritor Roberto Menezes, a expressão Escrita Criativa é recente. “Oficinas literárias, convivo com elas faz mais tempo, mais tempo até de que o tempo que eu sentei pela primeira vez para escrever. Ler e observar o mundo, acho que é a primeira oficina de escrita criativa que eu fiz”, idealiza Roberto, que considera o Clube do Conto da Paraíba a grande oficina de escrita democrática que pode participar. Ele também ministrou algumas oficinas de conto, haikai, crônicas curtas, entre outros assuntos.

### “COACH LITERÁRIO”

Roberto Menezes vê muita polêmica sobre o assunto em redes sociais. Para ele, o termo Escrita Criativa padece de uma identidade. E explica: “Quando alguém fala Escrita Criativa, penso em duas coisas distintas: 1) qualquer curso, feito por qualquer pessoa, com o objetivo de ensinar - facilitar, dirão os facilitadores - caminhos para

desenvolver a escrita; 2) uma área acadêmica. A polêmica e resistência talvez estejam por aí, na confusão entre as duas coisas. Como falei, qualquer um pode chegar e fazer um curso de Escrita Criativa - que continue assim - e um efeito colateral disso é surgir um monte de pessoas aproveitadoras querendo surfar na onda e encher o bolso de dinheiro. Aí vêm as críticas invalidando a Escrita Criativa por esses casos isolados. Também vejo algumas pessoas com formação acadêmica em Escrita Criativa com um discurso corporativista, afirmando que os métodos e teorias aprendidas em alguma pós-graduação lhe dão lugar de fala privilegiado sobre o assunto. Ainda bem que as pessoas mais chegadas a mim, não compartilham dessa opinião”, relata.

Para Tiago Germano, a polêmica existe, em primeiro lugar, porque é uma área nova no Brasil, que disputa um espaço cultural e acadêmico, e isso sempre será conflituoso porque o conflito está no cerne desses espaços. “Em segundo lugar, porque a popularização da figura do ‘coach’ - hoje presente em praticamente todas as áreas - nos levou a associá-la à figura do escritor que promove oficinas de escrita criativa ou exerce algum tipo de tutoria na área. Alguns escritores, inclusive, aplicam o termo ‘coach literário’, mas isso nos leva a um tipo de confusão e a uma onda de oportunismo que estão prejudicando a área”, reconhece.

Tiago entende que não seria prudente de sua parte falar que há preconceito com a escrita criativa. “Mas há, sem dúvida, uma resistência, e é interessante observar o que essa resistência diz também sobre os nossos preconceitos. A escrita criativa lida com a palavra e, historicamente, num país como o nosso, a palavra sempre foi um instrumento de poder e opressão. Eu não vejo muita diferença entre um escritor que critica uma oficina de escrita criativa e um presidente que critica um curso de filosofia ou sociologia, ou uma elite que não se interessa em ver as camadas mais populares da sociedade alfabetizadas. Que interesses há por trás de uma crítica a esse tipo de atividade?, eu gosto de me perguntar quando vejo um escri-

tor criticando oficinas e dizendo que literatura não se aprende. Não será também uma maneira de dizer que a literatura é um privilégio que, tenha ele alcançado na cadeira da escola ou na mesa do bar, ele não está disposto a compartilhar com ninguém?”, questiona.

A poeta, editora e escritora Débora Gil Pantaleão é taxativa ao dizer que as pessoas amam polêmica: “Polêmica é algo que me cansa e evito estar em contato. Talvez, além de resistência, haja aí um narcisismo muito pesado com pitadas de falta de informação (risos). Quem escreve, há muito tempo troca com outros autores e leitores... Um exemplo disso é o grupo Bloomsbury, no qual Virginia Woolf e E. M. Forster faziam parte. Um grupo de amigos para mostrar seus escritos, ouvir sugestões, etc. Isso é muito enriquecedor! Sempre digo para os participantes dos meus cursos ‘Deixem o ego e o apêGO de lado e sintam-se livres para falar do texto de todos que estão aqui’. Outro caso é o de Samuel Beckett como secretário de James Joyce. Vocês acham mesmo que esses dois grandiosos não trocavam figurinhas? E as amigas Clarice Lispector, Hilda Hilst e Lygia Fagundes Telles?”, indaga.

Já o escritor Bruno Ribeiro diz que o nome Escrita Criativa permite muitas leituras e é ambíguo. “Fora isso, vejo que algumas pessoas xingam a Escrita Criativa de má-fé ou falta de conhecimento mesmo. Temos que ver também que uma fatia considerável do meio literário acha que ser criativo é um dom para poucos. É um universo muito conservador ainda. Criatividade é labuta, exercício, busca, falha, caça, suor, esforço, eclosão, conflito. Não tem nada a ver com dom. Um escritor esforçado e que afia sua pena ganha do gênio acomodado”, teoriza.

O escritor pernambucano radicado em São Paulo, Marcelino Freire, responde que isso acontece porque as pessoas não entendem que ser escritor é um ofício como qualquer outro. E precisa de treino, de estudo, de enfrentamento. “Um bailarino treina, um ator ensaia, um lutador de box estuda os socos, por que o escritor não pode também trabalhar seus movimentos?”, provoca. ►

Mas afinal, escrever é um dom ou isso é um mito? Tiago Germano responde que é um mito que só não é maior que outro mito: o de que escrever é apenas uma questão de prática. “Mas já que estamos falando em dom, podemos pensar novamente no esporte e lembrar que nem todas as crianças que parecem ter o dom da coisa acabam se tornando grandes atletas. O que ocorre é que, culturalmente, em todas as áreas, o Brasil é muito implacável com o amadorismo”, diz.

Já Débora Gil não acredita que escrever seja uma qualidade inata. “Qualquer pessoa que possua o desejo de escrever deve ser um bom leitor, praticar a escrita, rever sua prática, editar, jogar o que achar ruim fora... Os leitores são diversos de modo que os escritores também. Logo, as literaturas”, afirma.

Roberto Menezes avalia que falar em dom é algo muito extremo. “Porém a pessoa tem que ter a simpatia pela escrita. Também certas pessoas têm mais facilidade em escrever. E são fatores muitos diversos para isso acontecer. Você já percebeu que existem mais escritores com poder aquisitivo do que escritores mais pobres? Seria dom? Será que pobres só

## “ESCREVER NÃO É DOM”

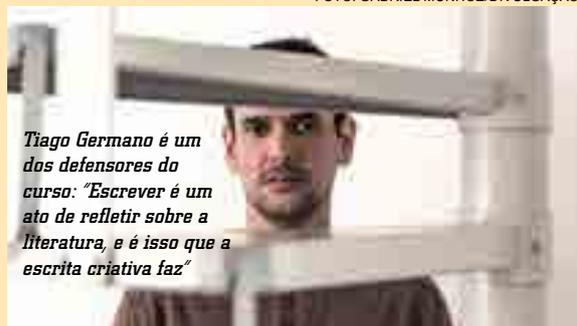


*Débora Gil: “Qualquer pessoa que possua o desejo de escrever deve ser um bom leitor”*

podem aprender a tabuada e a gramática e ter um emprego de manutenção pessoal e familiar? Não, né? Pessoas pobres não tiveram este caminho para a escrita terraplanado o tempo todo, a maioria nunca teve acesso a livros, nem a outros autores, nem a revistas, a nada. Por isso digo: essa balela de escrever ser um dom é algo extremo e chega a ser perigoso”.

## F . O . R . M . A . Ç . Ã . O

FOTO: GABRIEL MUNHOZ/DIVULGAÇÃO



*Tiago Germano é um dos defensores do curso: “Escrever é um ato de refletir sobre a literatura, e é isso que a escrita criativa faz”*

A reportagem provoca e pergunta se a Escrita Criativa forma escritores. Tiago Germano esclarece que nenhuma formação, mesmo em áreas técnicas do conhecimento humano, se completa com um curso ou diploma.

Débora Gil ensina que a palavra “formação” sugere um compromisso. Neste sentido, diz acreditar que os cursos de criação literária sérios não possuem compromisso algum de formar escritores, caso possuam, estão mais para charlatões, pois considera isso impossível. “Vou fazer uma relação aqui com o que chamam de ‘Formação em psicanálise’. Você faz sua análise durante anos, estuda a teoria, caso comece a atender precisará de um supervisor e mesmo em análise e estudando a teoria nada garante que você irá estar preparado para exercer, tampouco se fará isso bem. Só o analisando poderá te dizer psicanalista. Com os escritores.. Você vai aos cursos, troca sobre teoria e prática, es-

creve exercícios, mostra aos amigos/amigas e a outros escritores/escritoras, mas nada disso garantirá que você estará escrevendo textos com qualidade razoáveis ou maravilhosos. Já a questão do leitor, acredito que os cursos de escrita criativa atentam para essa questão: precisamos ler e ler e ler, antes de escrever. Que, no mínimo, saiam do curso com esse desejo fortalecido!”, conclama.

Para Bruno Ribeiro, a importância da Escrita Criativa está na expansão do aprendizado, algo sempre útil, e na troca de conhecimento entre os próprios alunos. “Muitas vezes ler o amigo de curso é mais importante do que escrever, pois ao julgar o texto alheio você indiretamente está aprendendo a avaliar o seu próprio texto. Quanto a formação de leitores é interessante dizer que muitas pessoas criticam esses cursos dizendo que é necessário formar mais leitores do que escritores, pois já há muitos escritores no Brasil, mas uma formação em Escrita Criativa está formando leitores também. Aprender a ler bem, esmiuçar de verdade um texto literário, a linguagem, trama, personagens, é essencial em um curso sério nessa área. É essencial lembrar que a essência da Escrita Criativa sempre existiu, só não tinha um nome. Trocar textos, revisar, pedir para alguém confiável ler e opinar, estudar, decifrar e desossar outros autores, escrever, apagar, enfim, isso e muito mais fazem parte do eixo da Escrita Criativa, e são coisas que sempre existiram”, defende.

## “TEM GENTE QUE QUER ESCREVER, MAS NÃO QUER LER”

Marcelino Freire (foto) declara que participar de uma oficina literária é encontrar os seus parceiros e parceiras do crime, é saber quem tem a mesma paixão que você. “A gente afina os instrumentos e a voz. Afina as leituras. Em uma oficina minha, eu creio que formo mais leitores do que escritores. Tem gente que quer escrever, mas não quer ler. Tem gente que quer publicar, não quer escrever. Então, esses cursos servem para isto: para todo mundo colocar as mãos à obra”, argumenta.

Roberto Menezes fala que qualquer iniciativa que incentiva a leitura ou a escrita é louvável. “Ter alguém que encaminhe, mostre portas e janelas para pessoas que desejem ser encaminhadas é uma atividade necessária, sem dúvida, num país que carece de uma nova cara de escritores”, analisa.

Na literatura contemporânea, vários nomes começaram a aparecer ou crescer enquanto escritores a partir da Escrita Criativa. Tiago Germano cita alguns, como Débora Ferraz, Bruno Ribeiro, Raimundo Carrero, Luiz Antonio de Assis Brasil, Sidney Rocha, Marcelino Freire, Cristhiano Aguiar, Daniel Galera, Michel Laub, Carol Bensimon, Luisa Geisler, Leticia Wierszowski

Tiago Germano é mestre e doutorando em escrita criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), orientado pelo Assis. Na literatura, publicou o romance “A Mulher Faminta” (Moinhos, 2018) e a coletânea “Demônios Domésticos” (Le Chien, 2017), indicada ao Prêmio Jabuti na categoria crônica.

Débora Gil faz parte de um grupo chamado “Terças”. Já fez diversos cursos em literatura (escrita criativa) e em roteiro. Há mais ou menos dois anos, ministra oficinas e cursos com diversos focos.

Bruno Ribeiro tem mestrado em Escrita Criativa pela UNTREF (Universidad Nacional de Tres de Febrero), de Buenos Ai-

FOTO: EDSON KUMASAKA/DIVULGAÇÃO



res, e ministra cursos e oficinas há uns dois anos. Atualmente está como coordenador de uma pós-graduação em Escrita Criativa pela Unicorp.

Já Marcelino Freire informa que quem lhe ensinou a ler foi o escritor Raimundo Carrero. “Eu fui de sua primeira turma de criação literária lá no Recife. Depois, desde 2003, coordeno cursos de escrita. Gosto de conhecer pessoas e são as pessoas que fazem a minha oficina. Eu quero que elas se tornem meus parceiros e parceiras de cerveja, de mesa de bar. Coordeno oficinas para não encher a cara sozinho”, brinca.

## PRECONCEITO DEVE SER EVITADO

O que dizer a quem é contra os cursos de Escrita Criativa? Débora Gil sugere que estes freqüentem algum grupo ou vá a um bom curso, “mas tem que ir aberto. Deixa o ranço no Facebook ou embaixo do tapete”.

Bruno Ribeiro (foto) pede que evitem o preconceito e busquem saber mais sobre o assunto antes de opinar. “Claro, como em toda área existem muitos oportunistas na Escrita Criativa também. Mas não se pode misturar os falatrões com quem pretende fazer um trabalho sério”, rebate.

Marcelino Freire aconselha: “Deixe de se sentir um gênio solitário e vá conhecer outros gênios solitários. A solidão em grupo pode ser uma boa companhia para você terminar aquele livro, desbloquear aquele conto, organizar aquele livro de poesias. Ah, e se puder, assista a minha ofi-

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



cina literária on-line. Acesse: navega.art.br. Eu te espero lá”.

Tiago Germano apela para que esses críticos se informem um pouco mais a respeito da área, para pelo menos criticá-la com alguma propriedade: “A maioria das críticas que leio, quando não são ingênuas, são simplesmente burras”, finaliza. Roberto Menezes encerra com uma observação polêmica: “Acho que só o tempo irá resolver isso (resistência à Escrita Criativa). Pode não parecer, mas o povo da área da literatura é muito conservador”.

**Linaldo Guedes** é jornalista e poeta. Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. Entre eles, “Os zumbis também escutam blues” e “Metáforas para um duelo no sertão”. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

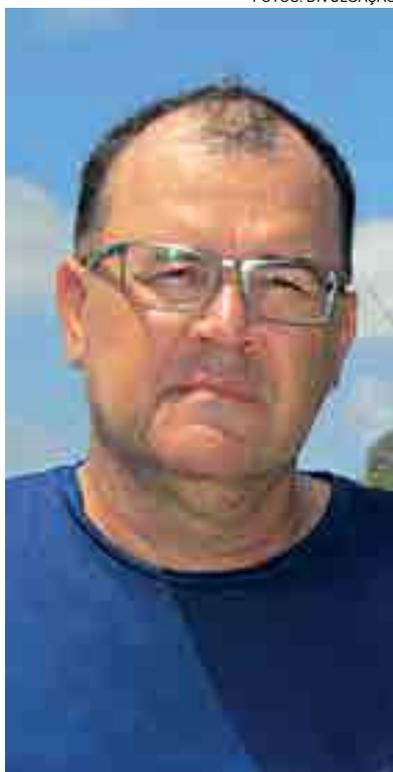
# O Crime histórico de CARLOTA LÚCIA DE BRITO

**Josemir Camilo de Melo**  
Especial para o Correio das Artes

**O** dublê de historiador e advogado Mário Vinícius Carneiro, depois de presentear leitores com a história do time mais popular da Paraíba, o Treze Futebol Clube, agora nos brinda, em narrativa, com restauração do processo de Carlota Lúcia de Brito, a mulher que mandou matar, em 1849, em Areia, o ex-presidente da Província da Paraíba, Trajano Alípio de Hollanda Chacon, no cenário ainda não removido dos combates da Praieira, naquela cidade.

Tive o privilégio de ler, em primeira mão, os originais, graças às atividades acadêmicas, quando me interessei por 'Carlota'. Era professor na Universidade Estadual da Paraíba, e fui procurado por uma aluna para orientar seu Trabalho de Conclusão de Curso, sobre o Crime de Carlota, o que, de fato, o fiz, já que a pesquisadora demonstrara saber o paradeiro do processo que condenara Carlota à morte. Depois, conheci o texto da norte-americana, Joan Meznar, e o traduzi, para comparar com as fontes da pesquisa da aluna. Até então, o que eu conhecia era a versão, em média metragem, O Caso Carlota, do professor e cineasta Machado

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Mário e a capa do livro sobre Carlota, a mulher que, em 1849, conspirou contra Trajano de Hollanda

Bittencourt, realizado como aula do Curso de Comunicação Social da então Universidade Regional do Nordeste (hoje, UEPB), rodado em 1978.

Antes de prosseguir, vale lembrar que a pernambucana Carlota Lúcia de Brito não seria a primeira mulher a ter protagonismo, neste aspecto, na Paraíba. Por volta de 1770, Quitéria Bandeira de Melo foi indiciada por atentar contra a vida do Capitão-Mor e Governador da Paraíba, Jerónimo José de Melo e Castro, prepotente, que a humilhara em público. Não se sabe, ao certo, se era paraibana, ou portuguesa, residente com suafidalga família, os Bandeira de Melo, na cidade de Nossa Senhora das Neves. Por esta conjuração, Quitéria passou oito anos presa, na Fortaleza das Cinco Pontas, no Recife apesar de várias tentativas de sua família para libertá-la.

O livro de Mário Vinícius Carneiro, 'O Crime de Carlota Lúcia de Brito: A Verdade dos Fatos' (João Pessoa, 2018) está bem organizado e recebeu excelente tratamento da editora Ideia. Confesso que a capa parecia me trair o ponto de vista do autor, mas se trata de uma interpretação subjetiva dele. Na obra, se percebem três grandes quadros, três atos, como se teatro fosse. E um entreato, a descrição da ilha de Fernando Noronha. O primeiro é o histórico de personagens e lugares; o segundo é o processo e o julgamento; depois, vem o entreato. O terceiro, a vida na Ilha, traz um novo desfecho, nada empolgante dos últimos dias de Carlota. Desfaz-se o mito calunioso de um final, aparentemente, feliz.

Cenário para o primeiro ato: Carlota Lúcia de Brito era mulher do chefe político do Partido Liberal, Joaquim José dos Santos Leal, em Areia, cujo grupo político se envolvera no levante que ficou conhecido em Pernambuco e na Paraíba, como Revolta

► **Praieira.** A cidade de Areia foi a única que serviu de palco direto desta revolta, quase sem sentido para a Paraíba, graças à acolhida que o paraibano, Juiz de Direito e Delegado, Dr. Maximiano Lopes Machado, correspondera aos apelos de seus colegas de Direito e de Partido, do Recife, principalmente após o impacto da morte de um dos líderes políticos, o advogado, Nunes Machado. Os revoltosos chegaram à cidade de Areia em fevereiro de 1849 e o assassinato de Trajano Chacon ocorreu no dia de sua eleição e derrota de Santos Leal, em 05 de setembro de 1849.

Jornalista ou historiador investigativo? O autor chega a ser historicista. Detalhista na reconstituição do cenário, vai até às capitâneas para situar geograficamente as origens territoriais da personagem central. Muito bem confeccionado, historicamente, o livro se apresenta em capítulos curtos, lembrando os romances de folhetins do século XIX; algo como 'veremos no capítulo a seguir'. Personagens têm história (por capítulos) como uma trama romanesca. História romaneada?

No entanto, é História, em que o autor parece enveredar por uma hermenêutica, acompanhado de documentos históricos e fotos (até presenciais aos vestígios), como se fosse um repórter da História. Recorre à oralidade e às memórias de parentes de personagens e até de sua própria família, ao tentar fazer história do fato (que ele mesmo sustenta o conceito) e da espacialidade do crime. Ao buscar "esclarecer a verdade", pesou o jurídico sobre o historiador, teorias à parte. O autor busca a restituição histórica; é revisionista à la José Honório Rodrigues?

Formado em História e Direito, submete ao leitor as variantes de informações para determinar a sua 'tese', a de inocentar Carlota de alguns desmandos e traições historiográficas e de memória coletiva. Defende Carlota, como advogado. Questiona as fontes e vai em busca de como, historicamente, elas se formaram. O autor não esconde sua inclinação ao Direito, seja pela



*Imagem do presídio feminino de Fernando de Noronha, onde Carlota ficou presa: livro é detalhista na reconstituição do cenário e vai até as capitâneas para situar geograficamente as origens territoriais da personagem*

formação, seja pelo magistério que exerce em faculdades, ora altercando com as fontes, ora usando refrão, 'data vênia'.

O processo jurídico é sua peça de resistência. Utiliza-se de documentação manuscrita, transcrevendo-a, e apresentando-a em fotos. Excelente condução da trama, quase romanesca, que faz o leitor não largar o livro e lê-lo de um só fôlego, possível fosse. Briga com os autores, Almeida (José Américo e Horácio) de Areia, dialogando o tempo todo, com Horácio de Almeida; contrariando o livro deste, ao narrar toda a técnica do processo, tanto o manuscrito, como o ato em si, o julgamento, suas tramas, seus enredos, personagens e sentenças. Para isto, faz comparações entre julgamento (júri) antigo e o de hoje, com esmero de detalhes.

O autor traz novas achegas ao Caso Carlota, como a contradição de ela ter-se tornado sogra e herdeira de um Chacon, e o período de três anos e sete meses, que passou no continente, na Casa de Detenção, do Recife, para gerir a herança, bem como sua volta à Ilha. Termina por desmistificar o destino final da mulher fatal, contrariando a história construída por Horácio de Almeida e engordada pela memória oral da cidade e região. Carlota nunca foi anistiada, na República, sequer voltou

ao Recife, no período aludido. Morreu desconhecida do país, na própria ilha-cárcere. É, aqui, que reside a aparente contradição com a aludida capa do livro.

Mário Vinicius, contrariando o que diz de si, no capítulo 67, é, sim, data vênia, (para usar o seu próprio jargão, da categoria) o advogado de Carlota. Veio tirá-la do inferno das fofocas (um cunhado, já cego e louco, e um escravo, voltaram para viver em Areia, onde espalharam sua versão) e da moralidade austera construída por historiadores vinculados às famílias dominantes de Areia, para colocá-la no limbo da naturalidade. Nem monstro, nem final feliz, como dona de cantina no Recife, anistiada, como supuseram. Mulher forte, numa sociedade patriarcal (conceito do autor), que sofreu ameaças e as revidou. Mulher, sujeito histórico. ✖

**Josemir Camilo de Melo** é PhD em História, pela UFPE; membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, sócio correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, sócio do Instituto Histórico de Campina Grande e presidente atual da Academia de Letras de Campina Grande.



UM ROTEIRO PARA  
CONHECER A OBRA DE

# Paulo Leminski

*Paulo Leminski Filho  
(1944-1989), autor de Não  
fosse isso e era menos/  
não fosse tanto e era  
quase (poesia, 1980)*

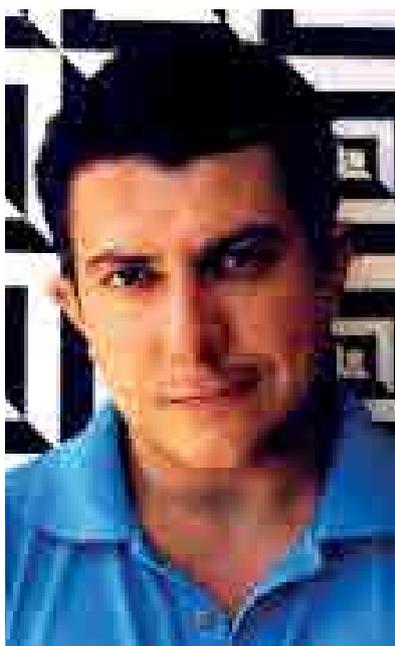
**Linaldo Guedes**  
Linaldo.guedes@gmail.com

**U**ma celebração à poesia de Paulo Leminski, poeta paranaense que nasceu em agosto de 1944 e faleceu em junho de 1989, e que está entre os autores mais vendidos no Brasil. Isso pode ser encontrado no livro *Roteiro Literário Paulo Leminski*, de autoria do poeta, músico e tradutor Rodrigo Garcia Lopes. “O livro é um mergulho na vida e obra de um dos mais importantes poetas brasileiros, um livro-ensaio que mistura biografia, análise literária, biogeografia afetiva,

depoimentos. Uma proposta de entrar em sua obra por trilhas menos batidas, rediscuti-la e jogar luz sobre seu processo criativo”, explica Rodrigo.

Em entrevista exclusiva ao *Correio das Artes*, Rodrigo lembra que a primeira vez que leu Paulo Leminski foi na adolescência, por volta dos 14 ou 15 anos. “Eu estava devorando tudo de poesia, brasileira e estrangeira. O impacto foi grande porque desmistificou certa ideia de poesia que eu tinha na época, de uma coisa sisuda, meio engessada, travada, careta. Foi libertador, e não só para mim”, recorda.

Segundo ele, a construção do livro foi um processo exaustivo, que lhe custou mais tempo do que imaginava. Só revisões no pdf do livro foram mais de dez. “Leminski sempre nos energiza e quem o conheceu, mesmo que de passagem, concordaria comigo. Seus melhores poemas batem de modos diferentes, seja pela estranheza, pela beleza, pela inteligência. Foi divertido revisitar seu humor, suas angústias, seu processo de escrita e de pensamento, sua absoluta entrega à poesia. Foi emocionante mergulhar em um mar de artigos, en-



*Rodrigo Garcia  
Lopes, autor de  
Roteiro Literário  
Paulo Leminski  
(foto da capa abaixo)*



▶ trevistas, rascunhos, anotações de seu acervo e tentar tirar dali uma essência. E teve a alegria de poder desencavar, no processo, alguns bons poemas dele não recolhidos em *Toda Poesia*, detalha.

Na obra, Rodrigo destaca que Leminski cometeu o pecado de ser conhecido ainda vivo, enquanto poeta. Explica que Leminski já era uma figura cult e maldita no meio literário, quando começou sua dobradinha com a Editora Brasiliense em vários livros que projetaram seu nome. Foi quando a música *Promessas Demais* emplacou como trilha de novela da Globo e *Verdura* foi gravada pelo Caetano. A coletânea *Caprichos & Relaxos* (1983) pintou no momento certo. “Mas não nos enganemos: Leminski era um poeta que se cobrava muito, especialmente essa coisa de não cair no fácil, no vulgar. Vejo Leminski sempre se equilibrando na corda bamba, entre expressão e construção. O Leminski que mais me interessa é aquele que buscava uma *poesia pensante*”, ressalta.

O povo ama seus poetas, como dizia Leminski?, provoco:

– Já amou muito mais, acho. Tenho a impressão de que os poetas e compositores já tiveram muito mais voz e relevância na cultura brasileira do que hoje.

Para Rodrigo, os pontos altos na obra de Leminski, além da prosa marcada pela função poética de *Catatau*, ou ainda o ensaio-fábula poética que consta em *Metamorfose: Uma Viagem ao Imaginário Grego*, são os 40 poemas que elencados no *Roteiro*. Peças como “um deus também é o vento”, “um dia”, “Aviso aos naufragos”, “Iceberg”. “A obra dele cai quando vira o trocadilho pelo trocadilho, desses que o pessoal adora imitar, ou bobagens como “amar é um elo / entre o azul / e o amarelo”. Ou um poema dele que termina com os versos “um dia / eu já tive vizinho”, analisa.

Leminski não era adepto de uma poesia panfletária. Em tempos de tantos absurdos políticos e sociais no país, o poeta não deve se posicionar sobre o

Brasil atual? Rodrigo responde:

– Eu acho que o poeta deve se posicionar, sim. O Leminski se posicionava, o tempo todo. Confesso que nem imagino como e o que ele estaria escrevendo, pensando, nestes tempos sombrios no Brasil. Infelizmente, Leminski nos deixou muito cedo, aos 44 anos, com muita lenha ainda pra queimar (hoje ele estaria com 73 anos). Acho que ele defendia que não bastava apenas escrever tendo como tema a pobreza, a violência ou o aquecimento global, por exemplo, mas que o que fosse produzido se mantivesse e funcionasse *enquanto poesia*. “Cedo me dei conta de que poesia não altera porra nenhuma do real histórico. Quem quer fazer da poesia bandeira de guerra ou tribuna, errou de profissão e escolheu o instrumento inadequado. Não que a poesia não possa brotar do político ou do social, mais explícitos. Pode. Mas que pinte no modo específico da poesia, no ser da linguagem”, ele escreveu. Para Leminski, “a revolução é sempre no plano pragmático da mensagem”. Lembro que na primeira entrevista que fiz com ele, em 1983, ele soltou essa do Fidel Castro: a de que “é preferível um bom poema romântico a um mau poema político”, e que o mau poema político era “um desserviço à revolução”. Leminski era um poeta público, imerso nas questões de seu tempo, um crítico da cultura.

## SOBRE O AUTOR

**Rodrigo Garcia Lopes é poeta, romancista e compositor, mestre em Humanidades Interdisciplinares pela Arizona State University e doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tradutor de Rimbaud, Marcial, Sylvia Plath, Whitman, entre outros, é autor de livros como O trovador (romance, 2015) e Experiências extraordinárias (poemas, 2016). Nasceu em Londrina (PR) e vive em Florianópolis (SC).**

Entre possíveis influências negativas da poesia de Leminski nas gerações atuais, uma delas, talvez, no entendimento de Rodrigo, tenha sido dar a impressão que poesia seja uma coisa *fácil* de fazer, espécie de vale-tudo, uma atividade que prescinde de estudo, leitura, qualquer *trabalho*. “A outra foi uma certa *paranoia* que atacou a poesia brasileira (a *paranoia da paronomásia*), o que faz o sujeito delirar e escrever um trocadilho atrás do outro e chamar aquilo de poema. Mas essa persistência na paronomásia vem desde os concretos, de Oswald, da poesia marginal... Outra coisa é acharem que qualquer poema de três versos seja um *haiku*”, critica.

Rodrigo destaca, ainda, que Leminski tinha um lado lírico intenso. “Ele até brinca com isso em alguns poemas, pelo exagero. Por outro lado, as canções que ele escreveu, sozinho ou em parceria, evidenciam bem essa preocupação com a musicabilidade do poema”, enfatiza.

O livro *Roteiro Literário Paulo Leminski* não está sendo vendido em livrarias. Para adquiri-lo só através do site geral da Biblioteca Pública do Paraná ([bppgeral@bpp.pr.gov.br](mailto:bppgeral@bpp.pr.gov.br)) ou direto com Rodrigo, a R\$ 37,00 (com correio), pelo e-mail [rgarcialopes@gail.com](mailto:rgarcialopes@gail.com). Da tiragem de 1.000 exemplares, 500 foram distribuídos para todas as bibliotecas públicas do Paraná, cerca de 50 enviados para a família e para jornalistas, críticos, etc, e uma parte ficou com o autor (100 exemplares). Sobre projetos futuros, Rodrigo informa que acabou de revisar um livro de tradução de poesia, que deve sair em maio, e está terminando outro livro de tradução (também de poesia). “Tenho um livro novo de poemas que pretendo publicar este ano e a ideia para um outro romance policial (depois de *O Trovador*, 2013). Quero também gravar um terceiro disco, com músicas inéditas”, declara. ▶

Linaldo Guedes é jornalista e poeta.

Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

# As lições de Leonardo Da Vinci

500 ANOS APÓS A MORTE DO PINTOR RENASCENTISTA, PARAIBANOS DISCUTEM O LEGADO DO MESTRE: AFINAL, HÁ TRAÇOS DAVINCIANOS NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA LOCAL?

**André Cananéa**

andrecananea2@gmail.com

**L**eonardo Da Vinci (1452-1519) morreu há exatos 500 anos, deixando um legado na arte, ciência e biologia que até hoje, cinco séculos depois, é visto, discutido e estudado em várias partes do planeta. Afinal, quantos artistas se dispuseram a arrancar a pele de cadáveres e delinear os músculos que movem os lábios, só para poder pintar o sorriso que se tornaria o mais famoso do mundo?

Vivendo em um século de muitas invenções e descobertas (o século 15), Leonardo tem muito o que ensinar nos dias atuais. “Sua habilidade em combinar arte, ciência, tecnologia, humanidade e imaginação persiste até hoje como uma receita para a criatividade”, sublinhou o pesquisador norte-americano Walter Isaacson, autor da ótima biografia ‘Leonardo Da Vinci’ (Intrínseca).

“Em poucas palavras: ele foi o sujeito mais criativo que já existiu”, define o artista paraibano Danilo Moveo, professor de Neurociências, Fotografia e História da Arte. “Do ponto de vista da História da Arte, ele foi um dos quatro gênios do Renascimento, ao lado de Rafael, Michelangelo e Donatello. Mas ele se destacou dos demais por essa ponte que ele sempre fez entre arte e ciência”, explica.

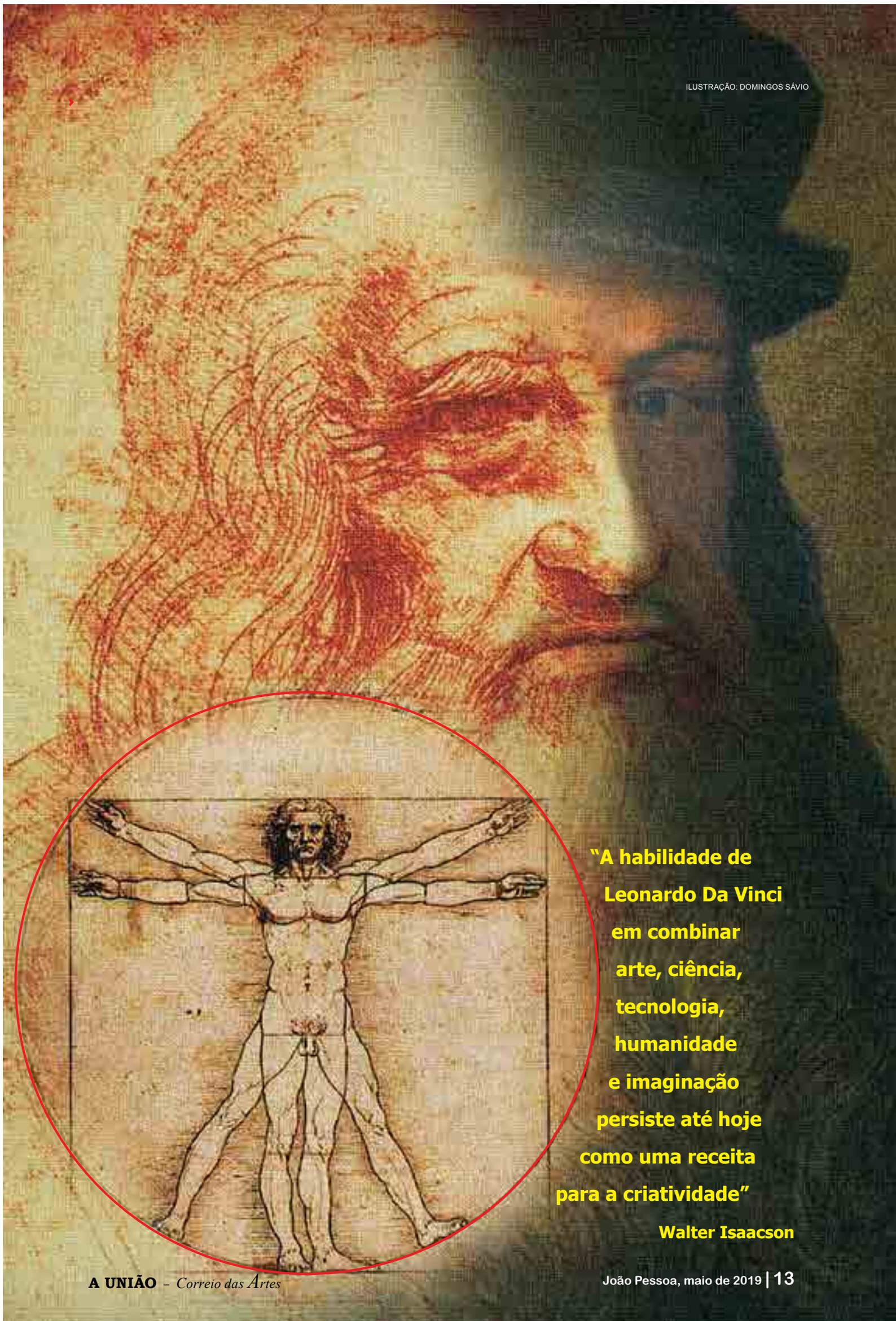
Para Moveo, a atualidade de Da Vinci se explica através da in-

terdisciplinaridade entre essas duas vertentes: “Essa interdisciplinaridade era muito forte na época em que ele viveu. O conhecimento atual vem retomando, cada vez mais, esse conceito do inter e do multidisciplinar e o Leonardo da Vinci, ao meu ver, é o personagem que a gente deve se espelhar para alcançarmos esse conhecimento”, resume. ▶

FOTO: ADRIANO SILVA



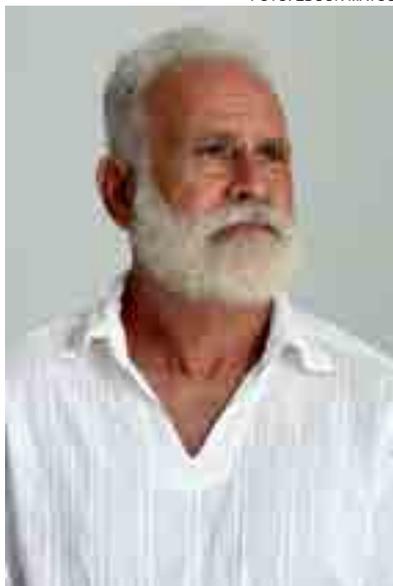
*Danilo Moveo: a atualidade de Da Vinci se explica através da interdisciplinaridade entre arte e ciência*



**“A habilidade de Leonardo Da Vinci em combinar arte, ciência, tecnologia, humanidade e imaginação persiste até hoje como uma receita para a criatividade”**

**Walter Isaacson**

FOTO: EDSON MATOS



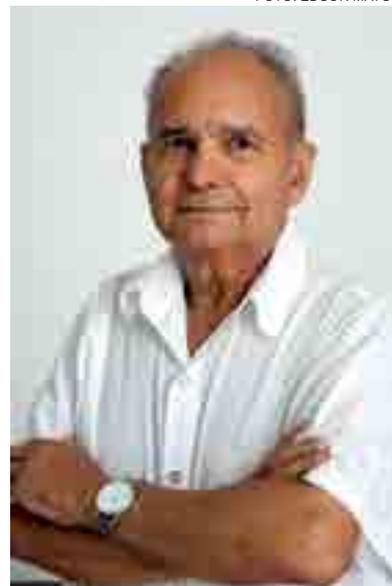
*Dyógenes: os artistas têm um pouco de Da Vinci, afinal, são inventores, engenheiros e artistas*

FOTO: TAREB EDSON



*Para Flaw, o artista italiano foi um dos primeiros provocadores da arte contemporânea*

FOTO: EDSON MATOS



*Chico Pereira: como pintor, Da Vinci não pode ser considerado um modelo estético*

## PSICANÁLISE

“Dos pintores renascentista, foi o que menos pintou”, atesta o artista e professor paraibano Chico Pereira, autor de ‘Paraíba Memória Cultural’ (Grafiset). “Arte, para Da Vinci, era um instrumento para outras coisas, quando os instrumentos e os conhecimentos científicos ainda não existiam para compreender o mecanismo dos seres vivos, o voo mais pesado que o ar; o fenômeno da visão, da luz, da submersão na água”, acrescenta.

Como pintor, Leonardo deixou duas das pinturas mais famosas do mundo: a Mona Lisa (do tal sorriso famoso mencionado no começo deste texto) e A Última Ceia, duas obras-primas trabalhadas com pincéis, inovação, criatividade e matemática. “A pintura, para Da Vinci, era uma fonte de entendimento das técnicas de representação da realidade e da fantasia. A Mona Lisa é uma pintura para compreensão daquilo que, 500 anos depois, chamamos de psicanálise”, ensina Pereira.

Esse legado reverbera entre a arte feita na Paraíba? “Assumidamente, creio que não”, pondera o artista, pesquisador e curador Dyógenes Chaves. “Na verdade, quase todos artistas - de gerações passadas - têm um pouco de Da Vinci. Afinal, todos são um

pouco inventores, engenheiros e artistas, pois fazem suas próprias telas, tintas e ferramentas, e escrevem textos, vendem/negociam suas obras, montam suas exposições e preparam as artes gráficas de seus livros e/ou catálogos”, compara.

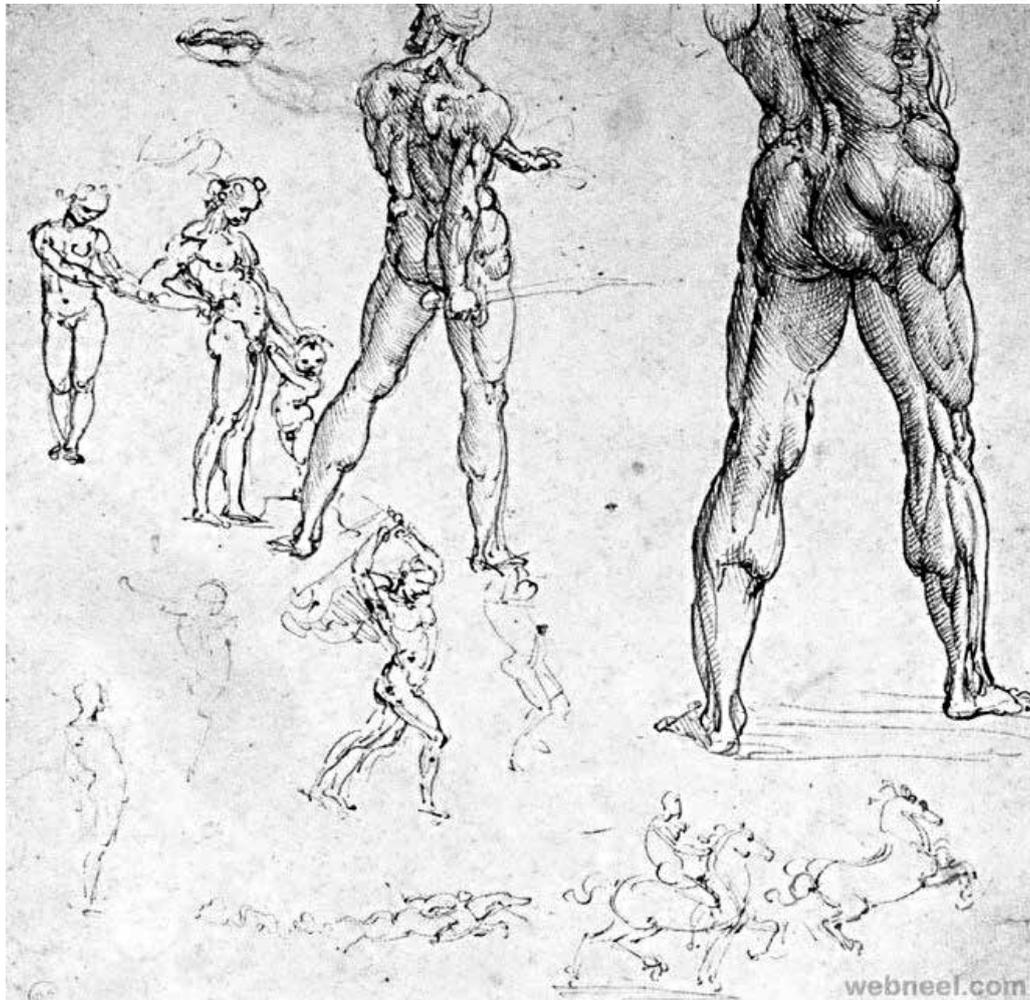
Chico Pereira desconhece algum artista local que traga o DNA Davinciano tão evidente. “Ele (Da Vinci) não teve uma obra extensa, produzindo um modelo estético. Afora o *sfumato*, os artistas locais, brasileiros de

modo geral, seguem os padrões figurativos das academias do século 19, ou das expressões modernas que vêm daquele século”, explica.

Já o jovem Flaw Mendes afirma que, de certa maneira, todo artista moderno traz influências de Da Vinci. “A questão é: o quanto é explícita essa presença dele nas obras dos artistas atuais?”, indaga. “A minha concepção acadêmica de desenho é toda inspirada nele, em sua técnica de desenho e pintura”, admite o artista e poeta, graduado em Letras e mestre em Artes Visuais. “A técnica de *sfumato* foi desenvolvida por ele de forma primorosa. Mudou a maneira como percebemos a profundidade nas representações, e isso se diluiu nas gerações seguintes, até hoje”, acrescenta.

Mendes aposta que o mestre italiano foi um dos primeiros provocadores da arte contemporânea. “Provocou uma fissura entre arte e artesanato. Porque a concepção, na época, não tinha essa distinção que tem hoje, havia um indivíduo dotado de habilidades, um artífice. Ao longo dos séculos, essa atividade foi se desmembrando de modo que, hoje, existe uma separação, não muito clara, entre artista e artesão. Quando Da Vinci começou a apontar para o pode reflexivo que os objetos produzidos tinham, ou poderiam ter, principiou um abismo”.

**Como pintor, Leonardo Da Vinci deixou duas das pinturas mais famosas do mundo: a Mona Lisa e A Última Ceia, duas obras-primas trabalhadas com pincéis, inovação, criatividade e matemática**



## ESBOÇOS NÃO CONCRETIZADOS

Dyógenes Chaves coloca na conta da influência que Leonardo da Vinci tem sobre sua persona artística o fato de que muitas ideias que o mestre italiano teve ao longo da vida nunca se concretizaram. “Eu acho que esse é o sentido do artista”, exclama o paraibano. “O artista é uma pessoa que está em permanente luta para realizar e, às vezes, nem realiza”, admite.

Chaves conta que está sempre produzindo ideias, fazendo esboços. “Ao longo da minha vida, sempre foi isso: a maioria do que eu pensei fazer, não fiz. E talvez nem faça! Isso é a cara do Leonardo. Ele foi o homem de mil instrumentos e muitas das ideias dele, deram errado, mas serviram de referência para outras coisas, como o esboço de uma máquina voadora que, um dia, serviu de modelo para o que chamamos hoje de helicóptero”, lustra.

## GÊNIO

Para Chico Pereira, Leonardo Da Vinci deve ser visto como um gênio, cujo valor é mais referenciado hoje do que no passado. “É fruto da globalização, um mito! Sua obra extensa é a ciência e a técnica”, opina.

“Sim, ele era um gênio: apaixonadamente curioso e muitíssimo criativo em múltiplos campos do conhecimento. Mas devemos ter cuidado com essa palavra”, pondera Walter Isaacson em seu livro sobre Leonardo Da Vinci. “Ao darmos a Leonardo o rótulo de gênio, estranhamente o minimizamos, dando a entender que foi tocado por uma iluminação divina. (...) Na verdade, o gênio dentro de Leonardo era humano; tinha sido forjado por vontade e ambição próprias”.

Ele lembra que Leonardo quase não frequentara a escola e mal sabia ler em latim, ou fazer uma conta de divisão. “Sua genialidade era do tipo que somos capazes de entender, do tipo que tiramos lições. Baseava-se em habilidades que podemos almejar desenvolver, como a curiosidade e a obser-

vação incansável. Ele tinha uma imaginação tão fértil que chegava a flertar com os limites da fantasia, o que também é algo que podemos tentar preservar em nós mesmos e incentivar em nossos filhos”.

Leonardo nasceu em 15 de abril de 1452 em Vinci, na Itália, e morreu a 2 de maio de 1519, menos de três semanas após completar 67 anos, na França. Foi enterrado na igreja que fica no Château d'Amboise, mas sua localização atual é mais um mistério, como apontou Isaacson. Segundo ele, a igreja foi demolida no início do século 19, e, 60 anos depois, o terreno foi escavado e uma série de ossos encontrados ali pode pertencer a Leonardo. Os ossos foram novamente enterrados na capela de Saint-Hubert, adjacente ao château, e uma lápide colocada ali informa ser aquele o local de seus “restos presumidos”.

“Como era de praxe com Leonardo na arte, na vida, no nascimento e agora até na morte, há sempre uma névoa de mistério pairando sobre tudo”, opina Walter Isaacson.

## 5 OBRAS/INVENÇÕES PARA ENTENDER LEONARDO DA VINCI

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



### MONA LISA

A pintura da enigmática Mona Lisa teve início em 1503 e demorou a ficar pronta. Ele ainda não a havia finalizado quando se mudou para Milão, em 1506. Levou-a consigo para Roma, onde ficou três anos, e viajou com ela para a França, onde o quadro recebeu mais algumas pinceladas, em 1517. Quando morreu, em 2 de maio de 1519, a pintura encontrava-se em seu ateliê. Repleto de símbolos e técnicas que são estudadas até hoje, o quadro de 77 cm de altura, por 55 cm de largura está no Louvre há mais de 200 anos e atualmente divide com o imponente 'Casamento em Caná (6,7 m x 9,94 m), a gigantesca Sala dos Estados (de 840 m2 e 13 m de pé-direito). Mona Lisa é resguarda por quatro guarda-costas, dois de cada lado da obra.



### A ÚLTIMA CEIA

O famoso afresco que Leonardo da Vinci fez, por encomenda, para integrar uma igreja em Milão (Itália) é outra pintura repleta de ideias geniais, inclusive no uso magistral da perspectiva, afinal Da Vinci sabia que a imagem seria vista sob vários ângulos. Para isso, marcou na parede onde a obra seria pintada, um prego que seria o centro da imagem. Esse centro corresponde a testa de Jesus (há quem diga que ao ver de perto a obra é possível ver o buraco do prego na tábua direita de Jesus). Assim, ele garantiu que ele estaria no centro da mesa, tanto na horizontal, quanto na vertical.



### HOMEM VITRUVIANO

Chamado de "Cânone das Proporções", o desenho feito com uma precisão que impressiona até hoje (ele é de aproximadamente 1490) tem vários significados, entre eles uma reavaliação das proporções matemáticas do corpo humano, que é considerado um marco do Renascimento italiano. O mais famoso, talvez, seja o de que ele simboliza a simetria básica do corpo humano e, por extensão, do universo. O desenho original permanece trancado em uma sala no quarto andar da Gallerie dell'Accademia, em Veneza, longe da luz que, segundo especialistas, poderia apagá-lo. Portanto, só foi visto em raríssimas ocasiões.



### MÁQUINAS DE GUERRA

Embora tenha visto pouquíssimos de seus projetos fora do papel, Da Vinci criou conceitos inovadores de máquinas de combate que acabaram influenciando invenções modernas. Entre as ideias, está o que ele chamou de "indestrutíveis carruagens blindadas", ou seja, um tanque de guerra, cujo aspecto se assemelha a um disco voador, com placas de metal inclinadas em um ângulo que repeliria os projéteis inimigos. Dentro haveria oito homens, alguns girando manivelas para fazer o tanque avançar, os outros disparando canhões apontados em todas as direções.



### MÁQUINAS VOADORAS

Na conta das obsessões de Da Vinci, além da precisão matemática e da anatomia dos corpos humanos estava o voo das aves. Talvez isso explique porque tantos projetos voadores do renascentista se tornaram tão famosos. Um dos mais conhecidos atende pelo nome de Ornitóptero, que lembra bastante um pássaro gigante. Ele também desenhou uma espécie de helicóptero, mas pouco funcional, já que exigia o trabalho de quatro homens para funcionar e, na prática, era pouco provável que desse certo. E também apresentou ao mundo o esboço de um paraquedas - é bom lembrar que estamos em 1485 - com formato piramidal.

**André Cananéa** é jornalista, com mais de 20 anos de atuação na imprensa escrita. Integrou os cadernos de cultura do Correio da Paraíba, O Norte e por 15 anos, editou o Vida e Arte do Jornal da Paraíba. Atualmente é o editor do Correio das Artes. Mora em João Pessoa.



# O poeta e o suplemento

**Eu me lembro  
das noites. Havia  
menos carros e  
muito mais poetas  
nas esquinas.  
Eles vagavam  
pelos Bancários  
e trombavam nos  
fantasmas do  
Centro Histórico**

**T**alvez pelas poucas farmácias nas ruas, João Pessoa ainda não fosse uma cidade doente. Mas já chovia nas manhãs, ninguém se lembrava disso nas tardes, ou quando o sol se fosse à noite, ao som do último solo de saxofone. Eu me lembro das noites. Havia menos carros e muito mais poetas nas esquinas. Eles vagavam pelos Bancários e trombavam nos fantasmas do Centro Histórico. Eles pulavam cadeiras e coalhavam as praças da universidade.

Eu fazia jornalismo na época. Não era nem o que eu, nem o que a minha família queríamos, embora por teimosia eu tentasse convencer a mim mesmo, e a eles, do contrário. Morava de favor na casa de tios e dormia o último sono da adolescência. Às vezes caminhava desperto. Sonhava a maior parte do tempo.

Até que um dia conheci um rapaz que fazia versos. Ele mostrou seus versos para um professor que falou sobre eles na sala aula. Era um sujeito magricela e acanhado, descabelado e faminto, não muito diferente do que todos nós éramos na época. Ele falava deste suplemento que publicava poemas e cartas de poetas, e das cartas que ele mesmo havia enviado e que restavam insistentes e sem resposta. Faltava fé ou sorte. Ou ambas as coisas, e talvez faltasse também um pouco de talento. Quiçá o professor – que também era poeta e publicava no suplemento – estivesse enganado e também lhe faltasse um pouco de talento.

Os poemas que nos mostrava não nos faziam acreditar no contrário. Organizou um sarau em que leu alguns desses poemas. Apareceu com a camisa abotoada até o pescoço e um livro embaixo do braço. O microfone e o amplificador eram emprestados do centro acadêmico, a voz ecoava fanha nas estrofes dos sonetos, amontoados de palavras proparoxítonas, imitações de Augusto dos Anjos. Ninguém deu muita atenção àquilo. Foi preciso ler Pessoa e Vinícius. Foi preciso chamar o amigo do violão. Meia dúzia de quem passava enfim se aproximou. Metade achando aquele um culto evangélico muito peculiar. Riram dele. Do livro na mão e da camisa abotoada até o pescoço.

Houve um hiato em que pouco se ouviu falar desse meu colega. Seu rosto difuso às dezenas de outros rostos que no meio do semestre sumiam para logo em seguida ressurgirem bêbados, na próxima caloura- ▶

da ou no próximo lançamento no Parahyba Café. Isso para depois descobriremos que estavam ali perto o tempo todo, cochilando nas cadeiras do fundo, só a gente é que não tinha percebido.

Do seu nome, porém, eu não me esquecera, e por mais banal que fosse aquele nome eu não deixava de procurá-lo sempre que folheava o suplemento. Pela qualidade dos poemas eu não esperava que eles fossem de fato publicados, mas que pelo menos eu encontrasse uma carta sua, cheia de desaforos, com uma resposta do editor desqualificando sua poesia e uma nova anedota para comentar com os outros colegas de sala, sempre dispostos a rir daquela figura patética.

Até que chegaram as férias e viajei com a família para o Litoral Norte. Havia este parente rico com uma casa na praia. Suas festas eram antológicas, reuniam muita gente. Eu não gostava daquilo, mas não faltavam leituras para preencher o tempo livre nos quartos, que hospedavam dezenas de convidados. Qual não foi minha surpresa quando, assim que cheguei, dei com meu colega poeta, sentado em uma cadeira, o mesmo livro na mão e a mesma cara de desconforto que eu esboçava ante a chegada de todos.

Cumprimentei-o com um aceno. Sentei perto dele. Perguntei as novidades. Continuava a escrever, mas já tinha cansado de tentar ser publicado. Começara a ler prosa e pensava seriamente em mudar de curso na universidade. Brindamos ao seu fracasso e ao fracasso da poesia. O som ao redor ficou mais alto e de repente já era impossível ouvir qualquer coisa ou manter qualquer espécie de conversação. Pessoas dançavam ao redor da piscina. Comia-se e bebia-se fartamente.

Os últimos convidados acabavam de chegar. Vinham da cidade e traziam compras embrulhadas num jornal. Notei que era o mesmo jornal do suplemento, e tentei avisar ao meu amigo que não entendeu, o nariz enfiado no livro enquanto o mundo aconte-



cia ao seu redor. Tentei achar o suplemento entre as compras e lá estava ele, úmido, envolvendo uma peça de picanha. Já nem me surpreendi com a nova coincidência: no topo de uma das primeiras páginas, numa letra cursiva que destoava um tanto do padrão do suplemento, ali estavam os poemas do meu colega, enfim publicados.

Sacudi-o na cadeira e mostrei o suplemento. Sua expressão se modificou e ele ficou um tempo lendo, sem acreditar, balbuciando os versos, tentando reconhecê-los. Seus olhos molharam um pouco mais a folha de papel. Sangravam como aquela peça de picanha que agora jazia em cima da mesa. Não demorou para que alguém tomasse o suplemento de suas mãos e as folhas passassem de mesa em mesa, as pessoas comentando que havia um poeta naquele churrasco.

Baixaram a música e meu colega se ajeitou na cadeira, orgulhoso. Até que alguém começou a declamar os versos em voz alta e gargalhou, estranhando o som de uma única palavra: "Pictórica". Alguém ecoou: "Pic-tó-ri-ca", rindo também, separando as sílabas. Um terceiro trocou as letras e a piada já estava feita. Meu colega virara o poeta do "mictório": eis sua grande glória, eis o seu grande destino.

Logo as risadas se dissiparam e a música voltou a tocar. Eu também ri do meu colega, mas tentei consolá-lo, ao que ele amassou o suplemento e se recolheu ao banheiro, seu devido lugar, de onde não vi exatamente quando saiu ou se chegou a sair. Nunca mais ouvi falar deste meu colega nem o vi outra vez na faculdade.

Este meu colega, que era eu, nunca mais publicou um único poema na vida. ✖

**Tiago Germano** é escritor, autor do romance *"A Mulher Faminta"* (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas *"Demônios Domésticos"* (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

# O lobisomem

**Cláudio Feldman**  
Especial para o Correio das Artes

1

Matei Aristeu Brandão e casei com sua filha, sob o aplauso de Duplo Céu. Não estou bêbado, é verdade registrada no jornal deste município. Se os seus ouvidos aceitarem meu relato, vou contar tudo nos mínimos pedaços.

2

Aristeu Brandão morava próximo ao rio Piquira, na curva dos pedregulhos.

Criava porcos negros e girassóis.

Mediano, branco, meio alourado, olhos pequenos, pouca barba e orelhas grandes, nem por isto tinha

aparência desagradável.

Sua família era modesta, mas respeitada, pois não devia a ninguém e sabia fazer amigos.

Aristeu tinha esposa e filha e amava-as mais do que o violinista seu instrumento.

Respirava ânimo, mas, como não

há bem que sempre brilhe, a mulher morreu de febre, pois ia muito ao brejo apanhar taboas, para encher traveseiros.

Como bom marido, chorou muito Alzira, principalmente a ausência de seu calor no leito.

Mas nem o tempo, que cura tudo, cicatrizou seu pranto.

Tornou-se ainda mais branco, magro, sombrio e tristonho.

Então suas vistas se voltaram para Benícia, que era a cópia adolescente da mãe.

E Aristeu, esquecido de que ela seria a sua muleta na velhice, obrigou a garota a dormir na cama de casal.

A alma do sitiante, até ali, de girassol, mudou em porco negro.

Após nove meses de gravidez, o neto nasceu morto. ▶

3

O restante da família, os amigos, vizinhos e conhecidos afastaram-se de Aristeu, como se estivesse com lepra.

Só a filha ficou, sempre carinhosa.

As más línguas, que não a livravam também da culpa, diziam que ela não abandonava o pai, pelo interesse do teto.

Mas a verdade é que Benícia era compreensiva como uma santa, pois recebera convites para morar em um convento e recusara.

Dia a dia, o povo de Duplo Céu aumentava o seu ódio ao indecente, a ponto de acreditar que ele se transformava em lobisomem, toda sexta-feira, à meia-noite, com lua cheia.

É que animais caseiros da região, como gatos, cabritos, cães, galinhas e leitões, andavam sendo atacados por um escuro ambulante.

4

Mais ou menos nesta época, eu, Pedro Torres, cheguei a Duplo Céu, nomeado inspetor da Saúde Pública, cargo que, para um morador da Metrópole, era mais um castigo que um presente.

Entretanto, como iniciante na carreira, eu precisava passar por estágios humildes até subir de posto.

Fui morar na pensão de dona Glória.

Um dos assuntos mais frequentes, durante as refeições, era o caso de Aristeu.

A maioria dos pensionistas o culpava de suas investidas de lobisomem contra os animais.

Só um dos presentes discordava, pois o sitiante não era o sétimo filho

**Eu, Pedro Torres, cheguei a Duplo Céu, nomeado inspetor da Saúde Pública, cargo que, para um morador da Metrópole, era mais um castigo que um presente.**

de um casal que só tinha mulheres.

Eu achei tudo uma grande asneira: quem devia estar ceando os coitados era algum lobo-guará, faminto.

Porém um fato deslocou o meu ponto-de-vista: uma estranha criatura atacou dona Glória, quando ela voltava de uma missa noturna.

Só chego a arrancar-lhe alguns pedaços de roupa com os dentes, porque apareceram jovens barulhentos na estrada.

A dona da pensão, ferida em seu íntimo, ficou vários dias sem dormir, e, com isto, nossas refeições pioraram.

Baseado em suas lamentações, resolvi investigar.

5

Pelo binóculo, que eu trouxe para observar pássaros, passei a colar nos passos de Aristeu, em seu cotidiano.

Era um sujeito esquisito, mas trabalhador: apesar de afastado pela sociedade, fazia negócios com uma fábrica de óleo de girassol, em Graciosa Paisagem, e seus porcos também eram vendidos a açougues desta cidade.

Duvidei que fosse um lobisomem, e minha convicção ainda mais se reforçou, quando conheci (pelas lentes) a linda Benícia.

Era loura, miúda, mas bem proporcionada, olhos verdes e tristes, uma irradiação de delicadeza.

Impossível não me apaixonar por tal figura, que me ignorava!

Eu conhecera diversas mulheres em minha vida metropolitana, porém nenhuma como aquela, que me lembrava uma árvore, presa às raízes, mas com um verde acolhedor.

6

Um moço, adestrador de cães, tentara deter o fenômeno, que invadira o canil, e escapara, por pouco, da morte.

Mas não do estigma, que herdara, pelo sangue, segundo o povo.

Eu, como inspetor da Saúde Pública, conseguira transferi-lo, sem despesas, a um hospital de Água Quente, com mais recursos.

O aspecto do jovem, brutalmente ferido, impressionou-me, e cogitei em varrer o possível lobisomem do mapa (minúsculo) de Duplo Céu.

Por consideração a Benícia, divi-

di-me: o que seria dela, sem o pai?

Embora soubesse que ele era um monstro, a moça amava-o; do outro lado, não seria um alívio viver sem a carga de uma besta às costas?

Benícia poderia ser feliz com um companheiro, em outra cidade onde não conheciam sua mancha, e ramificar uma família de verdade.

Até comigo.

Se eu tivesse absoluta certeza da animalidade de Aristeu, com uma atuação "in loco", eu conseguiria me decidir.

Foi o que fiz, com ainda maior insistência.

7

Como era meu próprio chefe na Inspetoria de Saúde, pude ausentar-me sempre que quis, para binocular.

Só na terceira excursão noturna de Aristeu (nas outras, o escuro impediu), confirmei minhas suspeitas, quando surpreendi a metamorfose: seu corpo, liso, tornou-se uma floresta de pelos, quase ocultando os pequenos olhos.

O nariz levantou-se e unhas e dentes aguçaram-se, ultrapassando seus limites habituais.

Saiu correndo, aos pulos, as grandes orelhas batendo com estrépito.

Tive que me tornar um maratonista para acompanhar seus movimentos.

Presenciei, entre surpreso e enojado, seu banquete da carne crua de uma ovelha, com a lâ tingida de sangue.

Não contente, ainda arrombou um viveiro, onde estripou uma coelha, que parecia grávida.

Sem controle emocional, vomitei a sopa de dona Glória e, antes que os galos cantassem, no clarear do dia, o restante do jantar.

Aí Aristeu desvirou e voltou para casa.

Minha ronda sofrida decidiu-me a acabar com a aberração o mais breve possível.

8

À tarde, depois de um sono agitado por pesadelos, voltei ao binóculo.

Aristeu jiboiava na varanda de sua casa.

Ao lado da fera, a bela, tricotando um pulôver.

Benícia continuava a encantar-me, por dois motivos: sua formosu-



► ra de lírio do brejo e sua fidelidade a um pai, mesmo maldito.

O fato era raro e sublime.

Devido a ela, não parti imediatamente para uma atitude radical contra Aristeu.

Numa de suas ações selvagens, foi rechaçado por alguém ainda mais violento, e eu vibrei.

Que um outro o matasse, qualquer dia, não eu.

Pelo binóculo, vi seu rosto pálido como a estátua da dor, a cabeça ofendida, e Benícia medicando-o com pomadas, ataduras e paciência.

“Ah! Benícia – eu me disse –, até quando vai suportar esta besta-fera em sua vida? Será que não existe alguém bem mais merecedor de seu carinho?”

9

Meu ofício, na Inspetoria de Saúde, era visitar principalmente os locais menos privilegiados e verificar se havia problemas de doença e higiene.

Então distribuir remédios, contravenenos, folhetos, aconselhar algumas práticas importantes, como não utilizar água infectada, peixe ou carne ruim, evitar a presença de animais e insetos dentro das residências etc.

Enfim, tudo que meu fraco alcance possibilitava, desde que não houvesse uma epidemia.

Numa de minhas vistorias, co-

nheci Zé Espinheiro, matador de aluguel regenerado, que me solicitou soro antiofídico, como prevenção, já que em sua chácara às vezes apareciam cobras.

Conversador nato de suas façanhas defuntas, após duas horas de verborragia, tocou em algo que, por coincidência, muito me interessava: a melhor maneira de apagar um lobisomem.

Segundo ele, havia duas práticas idênticas quanto ao resultado: bala de prata e bala comum, molhada com cera de vela de altar ou água benta.

Tive que revelar-lhe meu plano, rogando segredo.

Para minha surpresa, propôs-me uma barganha: o dobro do soro antiofídico, que eu lhe destinava, por uma bala de prata.

Aceitei, eufórico, inclusive seu revólver aposentado.

10

Na sexta-feira seguinte, de lua cheiíssima, mirei, primeiro, o meu binóculo, nas imediações da casa de Aristeu.

E vi Benícia, olhos úmidos, tentando deter o pai, mas este, já com o cérebro sufocado de pelos, roncou e afastou-a com um empurrão.

Desta vez, não vacilei: seria o combate final, sem binóculo, tête-à-tête.

Esperei que ele se manifestasse em alguma barbárie, para justificar minha abordagem letal.

De qualquer modo, não quis fulminar o lobisomem covardemente.

Passei por ele e desejei que me atacasse.

Entretanto, o monstro felpudo, de garras e olhos venenosos, não desejou me ferir, pois estava farto, com penas de galinhas na boca sangrenta.

Tive, então, que aticá-lo com pedras limosas, galhos secos e esterco de boi, para despertar a sua fúria.

Após muito esforço, consegui.

Quando senti o hálito pesteadado do bicharoco, perto de mim, apontei, nervoso, para seu coração e apertei o gatilho.

A primeira bala, provavelmente com água benta, só deixou-o perplexo.

Apenas a segunda, de prata, é que derrubou-o no chão, com seu impacto.

Berrou, babou, agitou os membros peludos, depois, sob os efeitos das balas, como de dois comprimidos para dormir, fechou os olhos.

A única coisa que acordou, depois, foi sua forma primitiva, com um sorriso de paz.

11

Meu julgamento foi sumário: a pressão de toda a comunidade, a meu favor, interferiu no resultado final.

Fui absolvido, com a alegação de legítima defesa.

Benícia, presente ao tribunal, dividiu-se quanto à minha pessoa: ora achava-me o abominável carrasco de seu pai, ora o libertador de sua cumplicidade em atos execráveis.

Com o tempo, aceitou-me, inclusive como seu esposo.

Hoje, com minha promoção na Inspetoria de Saúde, moramos num bairro da Capital, rodeados por quatro filhos.

E é isto: quem não acreditar no relato, que termino aqui, que vá confiar em alguém nascido em 30 de fevereiro. ✘

**Cláudio Feldman** é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de mais de 50 livros - o mais recente é *A vida anárquica de Horácio Peludo* (ficção humorística, Editora Taturana, 2018). Mora em Santo André (SP).



# A dedicatória

**Jorge Fernando dos Santos**  
Especial para o *Correio das Artes*

“Q

uando dois narcisistas se olham de frente, fica difícil saber qual deles é o espelho. Mas uma coisa é certa: quando dois espelhos são colocados frente a frente, o que se nota é um imenso vazio.”

- O que você quis dizer com essa epígrafe?
- É só um pensamento que me ocorreu.
- É impressão minha ou você quis me atingir?
- Como assim?
- Não quis dizer que eu sou narcisista, quis?
- Todo mundo tem um pouco de narcisismo, qual o problema?

- Não gosto de indiretas, Eugênio. Você sabe.

- Nem tudo que um ficcionista escreve deve ser levado ao pé da letra.

- E que dedicatória é essa: “para Stela, com amor e gratidão”?

- Não gostou?

- “Com amor e gratidão”? Só isso?

- Como assim, “só isso”?

- Devia ter escrito algo romântico, tipo “para Stelinha, luz da minha vida”.

- Está implícito, não acha?

- Devia estar explícito, para que todos soubessem quem é a luz da sua vida.

- Mas todos já sabem.

- As palavras que você rabiscou servem pra qualquer uma das suas mulheres. ▶

- ▶ – Minhas mulheres? Que história é essa, Stela?
- Sua ex-mulher, uma das suas amigas, talvez sua amante...
- Era só o que faltava! O livro é dedicado a você e à minha filha. Veja na página depois da epígrafe...
- Tem razão, mas podia ter especificado quem é essa Stela.
- Tá bem, eu peço pra mudar na reimpressão.
- A primeira impressão é que fica, Eugênio. Essa é uma prova de que já não sou mais tão importante na sua vida.
- Que é isso, meu bem? Não precisa ficar assim.
- E queria que eu ficasse como?
- Que se sentisse orgulhosa. Que pelo menos comentasse a qualidade da edição e do projeto gráfico... O editor acha que dessa vez eu vou ganhar o Jabuti.
- E se a crítica não gostar?
- Será uma prova de que escrevi uma obra-prima.
- Você se acha o Hemingway, não é?
- E quem é Hemingway?
- Não seja engraçadinho, você também não é o Woody Allen.
- Mas até que me esforço.
- Ora, me poupe!
- Melhor ser personagem numa comédia dele do que numa tragédia de Shakespeare, não acha?
- Não sei o que seria pior.
- O que achou do título?
- *Paixão segundo Narciso*... É, até que soa bem.
- Fico feliz que tenha gostado. Sua opinião é muito importante, você sabe.
- Mas você nem esperou eu ler os originais.
- Passei pra você há seis meses, lembra?
- Eu estava muito ocupada com a minha tese.
- Podia ter arranjado um tempinho.
- Por que será que suas coisas sempre são mais importantes que as minhas? O mundo não gira ao seu redor, Eugênio.
- A editora não podia esperar indefinidamente, Stelinha.
- Mostrou pra outra pessoa antes de publicar?
- Só foi lido pelo editor e a revisora, naturalmente.
- E quem é a revisora?
- Não conheço. O nome dela está nos créditos, acima da ficha catalográfica.
- Você tem outra, não tem?
- Outra revisora?
- Não, Eugênio, outra mulher.
- Que é isso, meu amor?
- Pode confessar. Você tem um caso com aquela sua amiga, que eu sei.
- Amiga? Que amiga?
- A Juliana.
- Juliana é casada.
- Mal casada, você quer dizer.
- Não sei nada sobre isso. A vida alheia não me interessa.
- Todo mundo sabe, não se faça de desentendido.
- Qual é? Ela nem é minha amiga, somos apenas colegas de redação.
- E você vive fazendo hora-extra, não é?
- Todo jornalista faz hora-extra.
- Essa desculpa não cola. Vai me dizer que vocês não saem depois do expediente?
- De vez em quando vamos ao boteco com a turma, mas o que é que tem isso?
- Eu é que pergunto.
- Melhor mudarmos de assunto, está bem?
- Pode confessar, Eugênio. Eu tenho certeza que vocês dois têm um caso.
- Deixa disso, Stela!
- Ela vive curtindo suas postagens.
- Não tem nada a ver. Muita gente curte.
- Ela curte todas, que eu sei. É só você escrever alguma coisa e num minuto: plim! Juliana curte ou comenta. Por que será que ela faz isso?
- Pergunta pra ela.
- Não seja cínico! Você também curte as postagens dela.
- De vez em quando.
- Na semana passada, compartilhou um poema que ela escreveu.
- Escreveu não, ela postou uma frase de Fernando Pessoa: “a alma humana é um abismo, eu é que sei”.
- Não adianta negar. Eu sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Aquele dia em que nos vimos no aniversário do seu editor, eu notei o quanto ela ficou nervosa.
- Como assim, nervosa?
- Nervosa, ué. Toda vez que me vê ela fica sem graça, corada, com a voz trêmula. Por que será?
- Só perguntando pra ela, Stela.
- Eu vi quando você olhou o decote.
- Que decote?
- Os peitos dela sob o decote daquele vestido vermelho, pra ser mais exata. A vadia parecia uma pomba-gira.
- Se olhei foi um ato involuntário. Eu nem me lembro disso.
- Outro dia ela estava numa sorveteria, sabe? Lá perto da faculdade...
- Ela quem?
- A Juliana... De quem mais estamos falando? Ela estava com o Zé Carlos, aquele colega de vocês. Ele faz pós-graduação em marketing, sabia?
- Não me interessa.
- Tá com ciúme?
- A ciumenta aqui é você.
- Ciumenta, eu? Até parece... A dondoca estava com a mão na perna dele. Pareciam tão íntimos!
- Não é problema meu. Simples assim.
- Simples coisa nenhuma! Isso prova que ela trai o marido com o Zé Carlos.
- Se for verdade, também prova que não temos um caso, concorda?
- Você que pensa! Ela é do tipo que vai com qualquer um.
- Eu não sou qualquer um, nós nunca ficamos e você não devia julgar as pessoas desse jeito.
- Por acaso é advogado dela?
- Não tenho nada a ver com a Ju.
- Ju? Jujju? É assim que você chama a vadia?
- É o apelido dela na redação.
- Me engana que eu gosto... E ela por acaso chama você de Geninho?
- Somente a minha mãe me chamava assim.
- Sei!
- Melhor mudarmos de assunto, Stela.
- Você perdeu o interesse por mim, Eugênio. Seus olhos já não brilham quando você me olha.
- Devem ser as lentes de contato. Eu troquei na semana passada.
- Deixa de ser piadista. Não tem graça nenhuma. ▶



– Ora, Stela, você nem leu os originais do meu livro e eu é que perdi o interesse?

– Não me venha com cobranças.

– Na semana passada eu queria transar e você disse que estava com dor de cabeça, lembra?

– Não muda de assunto.

– Não foi a primeira vez que usou essa velha desculpa.

– Sexo não é tudo na vida.

– Não é tudo, mas é cem por cento. Pelo menos pra mim.

– Dá um tempo, Eugênio. Eu ando muito cansada.

– E você pensa que vida de jornalista é sopa? Que todo escritor é vagabundo?

– Nem todos! De qualquer forma, sua rotina não se compara à de uma professora universitária. Tenho trabalhado muito, você nem imagina. O nível dos alunos anda abaixo da crítica... Mas tudo bem, eu sou sempre a culpada. É sempre assim...

– Não precisa fazer drama, Stela. Eu sei que você tem trabalhado muito... Olha, vou autografar outro exemplar com uma dedicatória bem carinhosa, okay?

– Bobagem, deixa pra lá. Talvez eu nem mereça.

– Para com isso, meu bem, claro que merece. Vamos colocar uma pedra em cima desse assunto, pode ser?

– Tá bem... Faça uma dedicatória assim: “para Stelinha, luz da minha vida, musa a quem devo toda a minha inspiração”.

– Não acha um pouco exagerado?

– Exagerado? É... Pensando bem, você tem razão. Quer saber, Eugênio? Escreva simplesmente: “para Juju, a verdadeira mulher da minha vida”. ✖

**Jorge Fernando dos Santos** é jornalista, escritor e compositor. Mora em Belo Horizonte (MG) e tem 44 livros publicados. Entre eles *Palmeira seca* (Ed. Atual), Prêmio Guimarães Rosa em 1989; *ABC da MPB* (Paulus), selo altamente recomendável da FNLIJ em 2003; *Alguém tem que ficar no gol* (SM), finalista do Prêmio Jabuti em 2014; *Vandré - o homem que disse não* (Geração), finalista do Prêmio da APCA em 2015; e *A Turma da Savassi*, lançado em 2018.

# O que segura o mundo na sua órbita?



Hoje  
Trago em meu corpo as marcas do meu tempo  
Meu desespero, a vida num momento  
A fossa, a fome, a flor, o fim do mundo  
(Taiguara)

O mundo não anda muito bem. O clima de retrocesso que caracteriza nosso tempo e nosso espaço nos tem deixado muito bagunçados. Várias esferas da sociedade vêm clamando por resistência e luta. Se não lutamos, cada um a sua maneira, ficamos inertes como almas secas diante daquilo que nos trava, paralisa nossos passos, amputa nossas mãos, cala nossas vozes, ensurdece-nos. E a História um dia nos cobrará a atitude que não temos hoje. Assim é. Assim tem sido. O mundo estar ruim equivale a dizer que o mundo já está cobrando de nós aquilo que não fizemos um dia quando foi necessário fazer. Mas essa consciência não se adquire da noite pro dia, talvez, de uma geração a outra e, mesmo assim, quando se trata de uma sociedade que respeita e considera sua memória. Não é o nosso caso. Então são muitos anos que levamos para entender, agir e mudar. É a história que diz que é assim. Não nós. E isso dá medo.

O lugar da mulher nesse mundo assim representado nunca foi bom. Talvez possamos dizer que tem melhorado, mas ainda falta muito para ficar, ao menos, razoável. Ainda somos assassinadas por mãos falseadas de carinho e de amor; ainda somos sexualizadas, quando tudo o que queremos é sermos livres; ainda somos medidas pelo tamanho do quadril e pelo tônus de nossa pele; ainda somos vendidas; ainda somos abusadas; ainda somos ... Ainda somos esmagadas por mãos, mentes e almas masculinas. Esse es-

magamento nos desloca da posição de maioria, quando somos um número maior, para a de minoria, quando nossa representação não corresponde a nossa população.

Essa falta de representatividade da mulher se dá em vários campos em que seres humanos podem atuar. Interessa aqui destacar essa situação no setor livreiro. Para tanto, tomo como principal referência a pesquisa realizada pela professora Regina Dalcastagné, da UNB, sobre “quem é e o que escreve o autor brasileiro”<sup>1</sup>. Nessa pesquisa a professora analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014. Os resultados demonstram que a literatura brasileira vem (re)produzindo exclusões da própria sociedade, e traçam o seguinte perfil das publicações de grandes editoras brasileiras: predomina o escritor homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo. Os narradores, protagonistas e coadjuvantes que esse escritor cria são, também, em sua maioria, homens, brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades. Em porcentagem, a análise desse material mostra que mais de 70% dos escritores são homens, 90% brancos e pelo menos a metade veio do Rio e de São Paulo.

Para a professora, a “verdade é que precisamos da presença das mulheres, como precisamos da presença de negros nos diferentes espaços sociais, inclusive no mercado editorial brasileiro, porque são essas pessoas que, de maneira geral, vão acabar chamando atenção para essas questões. Você pode pensar que uma mulher, em algum momento, vai se perguntar por que não há ▶

<sup>1</sup> DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura brasileiro contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

▶ *autoras mulheres num determinado conjunto de obras. Uma forma de alterar um pouco esse quadro é por meio disso que se pede tanto hoje, representatividade*.<sup>2</sup>

Esse quadro em que a mulher está ausente envolve todo o setor, e se comprova, tanto pelo que mostram os números apresentados pela professora Dalcastagnè, quanto pelo que vemos comumente, por exemplo, em revistas de literatura e arte. Ainda somos poucas a publicar em diversas áreas, incluindo a literatura. Ainda somos poucas ficcionistas, poetisas e ensaístas. Seremos poucas a publicar não significa dizer que somos poucas a produzir esse tipo de escrita artística. Por que será?

O fato é que, para nossa satisfação, podemos vislumbrar, ainda que de forma rareada, um desenho diferente. O *Correio das Artes*, revista de literatura e arte da Paraíba, por exemplo, destaca-se no cenário como uma publicação em que vozes femininas têm tido seu espaço garantido. Essa realidade tem se apresentado como justificativa para realização de pesquisas acadêmicas a exemplo de José de Sousa Campos Júnior que desenvolve uma tese de doutorado, cujo título é: *Historiografia(s) literária(s): a literatura paraibana de autoria feminina nas páginas do Correio das Artes*. Essa tese em andamento é orientada pelo professor Diógenes Maciel, na Universidade Estadual da Paraíba.

Poderia especular as várias razões para essa representatividade feminina numa revista de literatura e arte aqui na Paraíba. Mas no cuidado de não tecer pré-juízos, prefiro aguardar os resultados das pesquisas, dado o seu rigor conceitual-teórico e investigativo. Antecipo-me, mesmo assim, apenas para expressar uma opinião que parte de uma experiência pessoal. Desde 2002, publico, esporadicamente, no *Correio das artes*. Pelo estreitamento da relação com a revista durante

esse tempo, há pouco mais de um ano, recebi convite para assinar esta coluna, cujo título tomei de empréstimo de uma canção homônima do cantor e compositor gaúcho Vitor Ramil.

Esse laço estabelecido com o *Correio das Artes* aprofunda ainda mais o respeito e o carinho que tenho pela revista, não só pela qualidade de sua publicação, mas, também, porque celebrar 70 anos de uma revista de literatura e arte, num país em que revistas de literatura e arte têm vida curta, representa um feito bastante significativo. Além disso, pelo espaço garantido à voz feminina, o que faz com que eu sinta, no *Correio das Artes*, uma casa acolhedora, tipo aquelas do sertão.

Sempre que publico, o editor, muito gentil e generosamente, agradece pela colaboração, quando eu sinto que quem tem de agradecer sou eu, sobretudo, pela acolhida. Se enalteço as palavras “carinho” e “acolhimento” é porque é assim que a revista recebe seus colaboradores, colaboradoras e colunistas, independentemente de suas linhas de pensamento crítico ou de suas escolhas estéticas. Ou seja: além de acolhedor, apresenta-se como um espaço democrático, que mantém vivos os sentidos de tradição e de contemporaneidade, uma vez que, em suas páginas, cabem, desde as vozes já consagradas no cenário artístico paraibano, até as vozes das novas gerações de artistas, poetisas, ficcionistas, críticos e críticas, resenhistas etc. E tudo isso a partir de uma editoração bastante cuidadosa, demonstrada na qualidade do material que publica.

É nesse lugar acolhedor, portanto, que a revista se destaca em representatividade feminina. Professoras escritoras como Ana Adelaide, Letícia Palmeira, Sandra Raquew, Genilda Azeredo, Neide Medeiros, Vitória Lima, por exemplo, têm feito da revista, também, um espaço de mulheres. E quando William Costa me fez o convite para assinar uma coluna, ele destacava a necessidade de se ter mais mulheres no *Correio das Artes*, pois, mesmo com uma pre-

sença marcante de colaboradoras como as já citadas aqui, a revista ainda se constituía um espaço de predominância masculina. Então, grata pelo convite, senti-me instigada a aceitá-lo, pela razão apresentada pelo editor, que avalei como sendo uma iniciativa louvável, vinda de um homem.

Para além de qualquer coisa, atitudes como essa funcionam, na nossa sociedade, como uma correção, ou, pelo menos, uma tentativa de correção de um erro histórico, um erro que colocou a mulher, durante milênios, no lugar da submissão a um patriarcado que, quando não tolhe, cala; quando não mata, aleija. Iniciativas como essa contribuem para uma mudança nesse quadro indignante que a professora Regina Dalcastagnè mostra em seu trabalho. Iniciativas como essa me inspiram a seguir ainda mais firme numa convicção. Iniciativas como essa me fazem lembrar de José Saramago, um escritor singular na criação de personagens femininas, dentre as quais eu destaco Blimunda, aquela de *Memorial do Convento* que faz par com Baltazar; aquela que inspirou seu narrador na seguinte reflexão:

*Quando Baltazar entra em casa, ouve o murmúrio que vem da cozinha, é a voz da mãe, a voz de Blimunda, ora uma, ora outra, mal se conhecem e têm tanto para dizer, é a grande, interminável conversa das mulheres, parece coisa nenhuma, isto pensam os homens, nem eles imaginam que esta conversa é que segura o mundo na sua órbita, não fosse falarem as mulheres umas com as outras, já os homens teriam perdido o sentido da casa e do planeta [...] Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu. ■*

**Analice Pereira** é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

<sup>2</sup> MASSUELA, Amanda. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. Disponível em < <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> > Acesso em 15 mai de 2019.

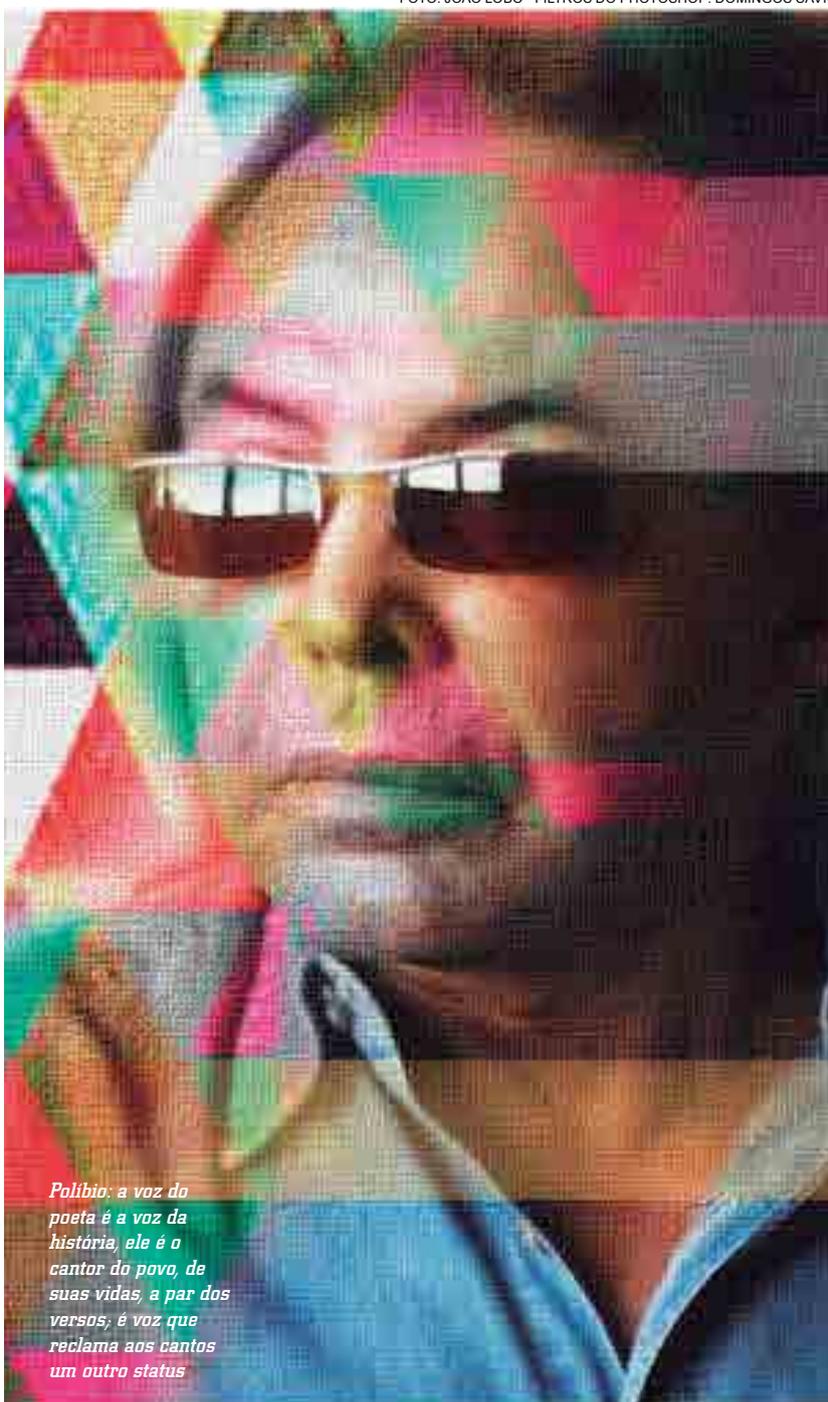
# A pujança CRIATIVA E ÉPICA DE Políbio Alves

**Krishnamurti Góes dos Anjos**  
Especial para o Correio das Artes

**E**is que temos em mãos o livro 'Acendedor de Relâmpagos' (Arribança, 2018, 108 págs.), do escritor Políbio Alves. Nessa nossa pátria amada e eivada de talentos abafados pelos holofotes dos interesses de certos grupinhos que pousam de hegemônicos em matéria de Cultura, é bom que lembremos de que autor estamos a falar. Políbio Alves nasceu em 1941, no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa. Além de vários livros publicados, tem trabalhos em antologias e periódicos, nacionais e em outros países como Estados Unidos, Alemanha, Portugal e Cuba. É detentor de vários prêmios literários, alguns internacionais, e sua obra vem ganhando o mundo, com textos traduzidos para línguas como o castelhano e o francês.

Em 'Acendedor de Relâmpagos', ele apresenta-nos uma pujança criativa de feições épicas. Sua longa poesia é precedida de uma seção onde estão reunidos, à guisa de "Epígrafes", trechos de livros e obras de vários ▶

FOTO: JOÃO LOBO - FILTROS DO PHOTOSHOP: DOMINGOS SÁVIO



*Políbio: a voz do poeta é a voz da história, ele é o cantor do povo, de suas vidas, a par dos versos, é voz que reclama aos cantos um outro status*

▶ autores que vão de Montesquieu à Raduan Nassar, de Castro Alves a Eduardo Galeano dentre outros. À medida que vamos lendo, somos induzidos à uma constatação. Não foi escolha simplista de pensamentos dispersos dos autores escolhidos. Há, ali, uma outra épica: a do pensamento libertário.

Vale à pena tecer algumas considerações adicionais. Os três gêneros literários básicos, de acordo com categorização feita na Antiguidade, são: o épico, o lírico e o dramático. Épico é palavra que classifica uma ação heroica, que pode ser baseada em fatos apurados ou inventados. Muitas vezes, apresenta uma extensão importante porque inclui elementos de outros gêneros (como drama ou poesia). Chamamos epopéia aos poemas extensos que narram as ações, e os feitos memoráveis de um herói histórico ou lendário. Antônio Lavrador que representa nossa coletividade. Assim a epopeia de Políbio.

Acrescentemos, ainda, que uma das características básicas do gênero é o afastamento do eu interior e consequente aproximação da realidade externa. A pulsão criadora do artista não é modulada pela ordem do dia da poesia lírica, a voz do poeta é a voz da história, ele é o cantor do povo, de suas vidas, a par dos versos; é voz que reclama aos cantos um outro status. A história é consagrada pelo instante da criação poética, como sugere Octavio Paz que acrescenta, ainda: “Todo poema, qualquer que seja a sua índole – lírica, épica ou dramática – manifesta um modo peculiar de ser histórico”.

Em entrevista dada à Humberto de Almeida para o site Crônicas Cariocas, o autor afirmou: “O que importa, a mim, é ler. Trabalhar a textura dos meus livros, incitando-os a desafogar liberdades no ato de criação, sempre. Um trabalho solitário, mas contínuo. Desafiador, eu acho. A meu ver, a literatura, a poesia, tem que abordar a incomodidade, a problematização dos sonhos pessoais ou os anseios de uma coletividade. Não acredito em escritor ou poeta que não seja um confessor social”. E esse con-

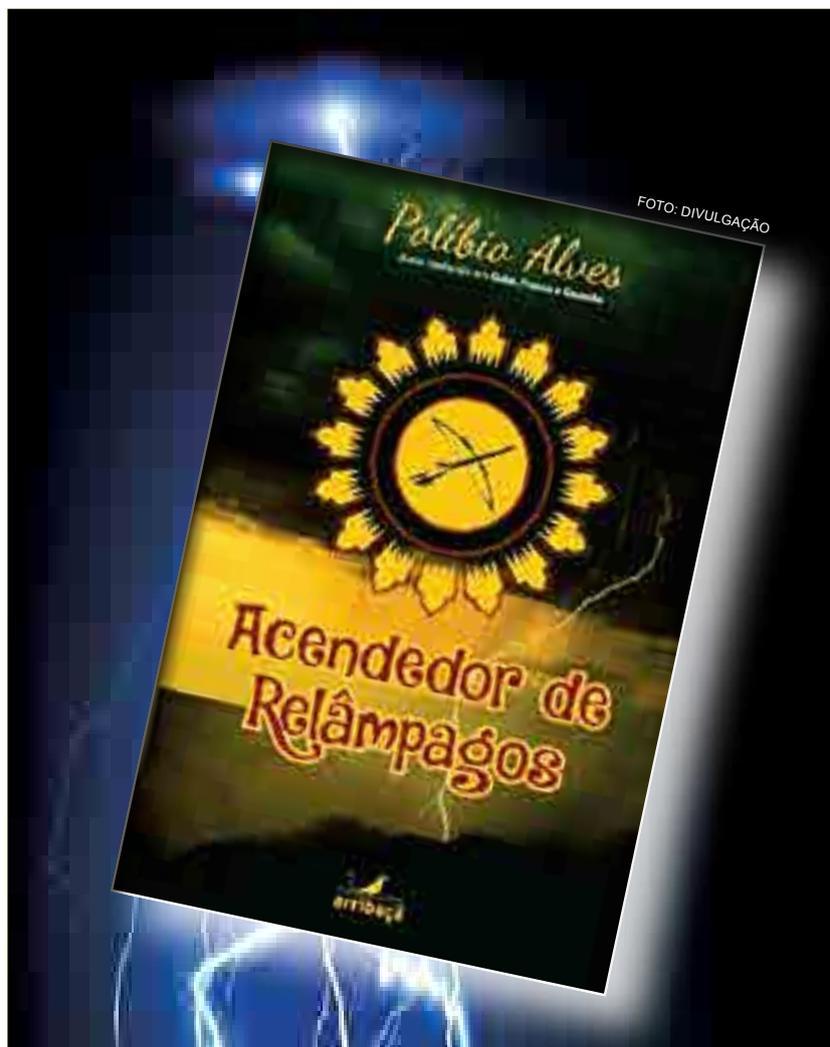


FOTO: DIVULGAÇÃO

fessor social dividiu sua última obra em três partes: “Oráculos”, “Prenúncios” e “Quíron”.

No capítulo “Oráculos” encontramos Antônio Lavrador, epítome completo do homem do sertão sujeito às seculares condições de clima adverso e opressão dos poderosos senhores donos de tudo! Mas, ainda assim, Antônio Lavrador aplaina “fulgurosa navalha feudal no discurso patriarcal de cobais & tocaias”. Usa a palavra por várias direções, “como faca de dois gumes”. A épica de Políbio Alves, em poucas páginas, nos impacta em face de um amplo painel de nossa história de cinco séculos. Desde: “Agosto de 1501. / Após desembarque invasor / a terra recém-descoberta, / os marinheiros, um a um, / se sobrepõem ao senhor / de uma obsessiva oferta, / arrolada sobre o perfil / extrativista do pau-brasil”.

Eis a gênese crítica de nossa história! Construída a partir de uma invasão onde a norma era a pura e simples ganância. Inte-

*Capa do livro 'Acendedor de Relâmpagos', lançado pela Arriaba: publicar uma obra com a relevância e a qualidade que possui a de Políbio Alves indica uma linha editorial oportuna nesse gravíssimo momento que atravessamos*

ressante referir que sobre outro livro – ‘Varadouro’ (Almeida Gráfica, 1989) – do autor, Roselis Batista Ralle, da Université de Reims na França, escreveu: “A obra de Políbio Alves se diferencia por resgatar uma ‘heroicidade’ que não usa mais a roupagem do passado, posto que implicitamente nosso autor se interroga – e nos interroga – sobre a inadequação do termo ‘herói”.

De fato, a roupagem poética que o autor usa para revisitar o desenrolar da História brasileira é adequada ao vocabulário dos dias que correm, de forma que, ▶

▶ para além de ser plenamente compreendida, mostra como, ao longo do tempo, mudaram-se os cenários e intérpretes, mas a peça continua a mesma em requintes agravados, da mais pura crueldade:

*“Do topo dessa oligarquia / à co-  
biza das terras conquistadas, / nos-  
sa história tem como franquia, / os  
alqueires dos Potiguaras. Afanados.  
/ Assim todo o entorno ao norte, já  
/ denominado de Itamaracá. Após  
sangrento conflito / por terra e mar,  
enfim, o restrito / espaço fora afinal  
desmembrado. E mais, sendo desig-  
nado / Capitania da Parahyba.”*

Mais adiante lemos: *“Por essas  
terras dos Tabajaras / aconteceram  
coisas inimagináveis. / Encarapuça-  
dos rondam, rondam / rondam e me-  
tralham lavouras / ateando fogo nos  
canaviais.”*

A cantilena do “Oráculo” re-  
memora a atuação da “confraria  
mercantilista dos gestores”. Deu,  
e continua dando, o tom de nos-  
sa gravíssima questão fundiária.  
Base mesma de nossa injusta for-  
mação: *“Das capitánias / Hereditá-  
rias / à historiografia / da Reforma  
Agrária, / nosso solo permanece es-  
pólio / do investidor estrangeiro”.*

Por isso que *“O tempo não basta  
/ quando a corda insiste / numa usu-  
ra tão vasta / ao sufocar o pescoço em  
riste”.* Sempre, o medo mediante  
lágrimas, o desespero, o grito  
acuado nos sertões brasileiros.  
O grito acuado e “Galopante. /  
Bactéria evolucionária que se aviva  
/ numa lâmina afiada na gargan-  
ta. / E mais, a dor imponderável. /  
Exatamente na perspectiva, / dos  
amigos, da família dos mortos, /  
esclarecendo a evidência irrepara-  
vel / das torturas e dos assassina-  
tos.”

Observe-se a sequência sig-  
nificativa de palavras muito con-  
hecidas atualmente: “franquia”,  
“encarapuçados” “metralham”  
“canaviais” (a ganância de pau-  
-brasil de 1501 transmutou-se),  
“gestores”, “bactéria evolucioná-  
ria” e “torturas”.

O capítulo “Prenúncios” é,  
ainda, mais interessante porque  
o fio narrativo parece truncado,  
disperso, telegráfico a sugerir  
a confusão reinante atualmen-  
te. Senão Vejamos: “amordaçar  
com sussurros / até então a pa-  
lavra aguerrida”. *“Entre a vertente*

*operária e o trabalhador do campo /  
floresce a embolia agrária / dos le-  
vantes transgredidos // sob o açoite  
mais amplo / persiste / o discurso ir-  
radiante / no desafogo dos gemidos //  
Oh! / indômito canto fecundo / neste  
timbre instigante / pleno enfoque do  
mundo”.*

Pode haver leitor desavisado  
por ignorância inata ou pura e  
simples conveniência, que lance  
a pecha de texto anacrônico  
a esse grande livro (de apenas  
108 páginas). “Acendedor de re-  
lâmpagos” se supera em atuali-  
dade. Muito atual, atualíssimo.  
É ter olhos para ver, é ter olhos  
repetimos, para ver no que vai  
se transformando o povo brasi-  
leiro:

*“Há flutuante escória (grifo nos-  
so) / do insulto e do estorvo / se de-  
batendo na história / irreversível de  
um povo”.*

*“a dança do corpo atíca / o ginga-  
do das esporas / numa perversidade  
movediça // Ah! esplendorosa alego-  
ria / a tatuar a pele do homem agora  
/ na pluralidade da tirania”.*

Essa a nossa “bastarda alfor-  
ria” em “hora presente / selvage-  
ria irresoluta” e “barbárie ope-  
rante”, tudo “sob tessituras das

oligarquias / o intelecto da me-  
galomania” e uma “fonte perene  
de conchavos”. O que grassa pelo  
país afora é o “conjuntural de-  
gredo” que “pulveriza a bravura  
do homem”.

Que dizer do último capítu-  
lo? Quíron (Na mitologia grega,  
Quíron é um centauro, conside-  
rado superior por seus próprios  
pares. Ao contrário do resto dos  
centauros notórios por serem  
bebedores contumazes e indis-  
ciplinados, delinquentes, sem  
cultura e propensos à violência  
quando ébrios, Quíron é inteli-  
gente, civilizado e bondoso). Este  
capítulo contém seis poemas de  
esperança, onde *“O poeta resgata  
o pré(texto), / da impactante idios-  
sincrasia / sobre o inusitado da poe-  
sia.”* Para, quem sabe, reinventar  
a paisagem “Na fúria das pala-  
vras”. Destaque para o poema  
“Amanhecência” sobre o qual,  
Linaldo Guedes escreveu no pre-  
fácio da obra: *“É síntese da força,  
da importância, da grandeza épica  
de Antônio Lavrador”.*

Políbio Alves, como diria Mal-  
larmé, intentou dar “um senti-  
do novo às palavras da tribo”.  
De tal modo, que a sua criação  
na vertente épica, naturalmente  
vinculada ao presente histórico  
do poeta, reverberará o passado  
para alcançar um lugar no futu-  
ro. Esta, nos parece, ter sido sua  
principal intenção.

A Arribaçã Editora, criada  
recentemente pelos jornalistas e  
poetas Lenilson Oliveira e Linal-  
do Guedes, com sede nos altos  
sertões da Paraíba, mais precisa-  
mente em Cajazeiras, não pode-  
ria dar início às suas atividades  
editoriais de forma mais auspici-  
osa. Publicar obra da qualidade  
e relevância que possui ‘Acende-  
dor de Relâmpagos’, de Políbio  
Alves, indica uma linha editorial  
oportuna nesse gravíssimo mo-  
mento que atravessamos. Que a  
Arribaçã continue publicando  
voos desta natureza. Com efeito,  
são dignos de nosso mais franco  
aplausos o autor e os editores. ◀

**'Acendedor de  
Relâmpagos' se  
supera em atualidade.  
É ter olhos para ver, é  
ter olhos, repetimos,  
para ver no que vai se  
transformando o povo  
brasileiro.**

Krishnamurti Góes dos Anjos. Escritor, Pesquisador, e Crítico literário. Autor de: *Il Crime dei Caminho Novo - Romance Histórico, Gato de Telhado - Contos, Um Novo Século - Contos, Embriagado Intelecto e outros contos e Doze Contos & meio Poema.* Tem participação em 27 Coletâneas e antologias, algumas resultantes de Prêmios Literários.

Jennifer Trajano

**varadouro**

novela na tv  
 olhos na tela  
 cortinas amarradas  
 crateras no piso  
 da panela  
 – formigas em rapel  
 jesus de papel  
 brilhando na parede  
 volume alto  
 salto silêncio  
 de um gato  
 dona maria  
 das dores  
 dorme sem notar  
 e os pirralhos correm  
 notando a rua  
 depois ela sai  
 para gritar  
 com a lua  
 que os respinga  
 sobre a terra



**Jennifer Trajano** é uma paraibana e professora de Língua Portuguesa que acredita, por intermédio da literatura, que podemos ser todos os eus não proporcionados pela vida. Mora em João Pessoa.

## Francisco Dantas

### Loucura viver

Sei lá. Eu não penso. Mas existo.  
Sou maluco sem nenhuma beleza.  
Há mil anos, eu nem era nascido.  
Hoje estou mais maluco ainda.  
Estou gira. O mundo está gira.  
Cadê os valores?  
Não falo dos vis metais.  
Esses são inocentes.  
Vis são os humanos,  
Que me veem morrendo na fila  
E perguntam se eu tenho ficha...  
Ficha pra quê, se estou morrendo?  
Não me levem para o Hospital,  
Lá eles me matarão por excesso  
De desatenção. Pegue uma ficha.  
Pra que ficha? Pra nada.  
Chamem um padre.  
Quero a extrema-unção.

### O tempo passou

Havia festas,  
Pais e filhos vinham –  
Aniversários, natais,  
Almoços e jantares...  
Ainda há festas,  
Os filhos cresceram,  
Os pais vêm,  
Os filhos namoram...  
Ainda há festas,  
Mas os convidados  
Escasseiam...  
Eles não vêm às nossas festas,  
Nós vamos a seus funerais...

### Diante de mim

Diante de mim,  
Está o mundo,  
Verdadeira esfinge  
Para a minha pequenez.  
Diante de mim,  
Está o homem,  
Verdadeiro animal  
Para a minha inteligência.  
Diante de mim,  
Está a mulher,  
Verdadeiro mistério  
Para a minha compreensão.  
Diante de mim,  
Estou eu mesmo,  
Verdadeiro poço  
De contradição...



Poeta, com dois livros já publicados  
(2006/2013), professor aposentado da UFPB.  
Natural de Cajazeiras-Pb, reside em João  
Pessoa. assis\_dantas@yahoo.com.br

## Carlos Alt

**A infância era antiga**

A infância era antiga.  
Velhas árvores encantadas,  
pássaros arredios,  
lagartixas em cima dos muros,  
observando o sol morrer.

A infância era antiga.  
Vozes dissonantes nos corredores,  
retratos implorando um grão de amor.

A infância era antiga.  
E se confundia com  
velhos sinos chamando  
para o dia e suas dores.

**Manhã absoluta**

Uma manhã absoluta  
inventa a tarde.

Levianas promessas feitas ao acaso.  
Velhas ilusões arrancadas da face

Uma manhã absoluta  
inventa a tarde

Frutos tardios no chão da infância  
torturados fantasmas em fuga  
nuvens escondendo as raras estrelas

Uma manhã absoluta  
inventa a tarde  
e vai desaguar sem trégua

**Estilhaços**

Os estilhaços do poema  
ferem a palavra,  
como o sol fere o dia,  
como a lua fere a noite

São estilhaços que inquietam o poema,  
que desinquietam os desejos,  
que constroem os dilemas  
e fazem do poeta um exilado  
de sua própria inspiração

**Tarde e noite**

Debruçada sobre a tarde,  
minha alma espera a noite  
que não chega.

De onde vem ela?  
Das distâncias abissais,  
dos nirvanas onde repousam os mortos?  
das montanhas povoadas de abutres?

De onde vem a noite  
que minha alma espera  
debruçada na tarde?

Talvez chegue de ignotas paragens  
ou quem sabe,  
de velhos e conhecidos exílios  
habitados pelos poetas

**Herança**

De tudo que o poeta tem,  
nada restará

Nem amigos,  
nem as coisas,  
nem os dias.

Tudo fugirá do poeta,  
tudo lhe voltará o rosto,  
tudo será rastro no deserto.

O poeta nada herdará,  
nem o fogo,  
nem a chuva,  
nem as vinhas que plantou,  
nem as mãos que afagou nos caminhos.

Ao poeta está reservado apenas,  
uma solidão carregada de ausências.



# berto Jales

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



**CARLOS ALBERTO JALES COSTA** é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.

# Wanessa Marquês, Adson



Correio das Artes estreia, nesta edição, uma parceria com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Olivina Olívia, localizada em João Pessoa.

Através da iniciativa das professoras Jennifer Trajano, Fabiana Freitas e Natália Cavalcanti, alunos do ensino médio foram convi-

dados a escreverem poemas sobre o tema 'violência'.

Para prepara-los, a escola ministrou uma oficina de escrita criativa com a poetiza Cris Estevão.

Dez estudantes entregaram os poemas e o resultado, você conhece a partir desta edição, onde publicamos três deles. Confira:

## Amor é licor à beira do abismo

Wanessa S. Marquês

Abismo que antes flores me entregava,  
que no leito da dor me dizia que era amor.  
É tanta mulher mal informada  
nua, crua a facadas  
De tua família, que todo dia sua agressão via,  
não denunciou o ato de amor que marcas em mim deixou  
Agora estou cá, de olhos fechados,  
sete palmos sob o chão  
Peço que você, mulher, não deixe impune  
o ato de agressão

Wanessa S. Marquês é estudante do Ensino Médio da Escola Estadual Olivina Olívia, em João Pessoa

## Falsa Quimera

Adson de Sousa

Assento-me à mesa  
Dentro goles cortantes  
Brigas constantes  
Degusto cervejas

Como de praxe  
Quarto, tranca  
Sacanagem  
Me pega pelo dorso

Sinto adentrar-me as facas  
E de modo assíduo  
Lembro-me um, dois, três...  
Meus filhos!!!

Adson de Sousa é estudante do Ensino Médio da Escola Estadual Olivina Olívia, em João Pessoa

## O chamado da cidade

Damião Alison

O grito da cidade  
O grito das pessoas  
O que eles gritam?  
Será medo? Será pavor?  
Eis o grito da cidade  
Violência e mais violência  
Eis o grito da cidade  
Violência na cidade  
Violência na escola  
Violência e mais violência  
É isso o nosso mundo  
Nossa realidade  
Temos violência e mais violência  
Eis o grito da cidade

Damião Alison Ribeiro é estudante do Ensino Médio da Escola Estadual Olivina Olívia, em João Pessoa

SIA

n Sousa e Damião Alison



**VIOLÊNCIA**  
**NÃO!**

# Poemas amenos, amores demais

**José Mário da Silva**

Especial para o *Correio das Artes*

**R**onaldo José da Cunha Lima, ou simplesmente Ronaldo Cunha Lima, ou mais simplesmente ainda, Ronaldo, o poeta, é código onomástico que nos impõe respeito e evoca signos cuja grandeza transpõe as lindes espaciais mais demarcadas da geografia paraibana e ganhou estatuto de consagração nacional nos territórios do direito, da política e da literatura.

Divergências à parte, legítimas e normatizadoras da vida democrática, tecida e destecida pelos fios do dissenso e do conflito, o fato concreto é que o itinerário de Ronaldo Cunha Lima foi cercado de brilho em todas as suas dimensões constitutivas: a jurídica, a política e a estética, essa última, notadamente, ligada à permanente convivência com a poesia, gênero transfigurativo do real, com o qual ele caminhou ao longo de toda a sua existência terrena, numa indelével demonstração de ser a poesia, em seu ser/fazer, não uma atividade de exceção, mas, sim, uma práxis ancorada no porto de uma efetiva e irresistível vocação.

Vocação essa a que o criador de *Poemas de Sala e Quarto* soube responder com infrangível devotamento, traduzido por uma série de livros nuclearizados pela palavra luminosa e libertária da poesia. A travessia poética de Ronaldo Cunha Lima exhibe, em seu continuado fluxo histórico, uma admirável transição qualitativa, que rumou de uma espécie de poesia ditada pelo jogo mais pragmático das circunstâncias até as searas mais construtivistas de um verso vigoroso, lapidado, prenhe de literariedade, consorciador dos estratos melopeico, fanopeico e logopeico, tal como preconizado por Ezra Pound em seu clássico livro *ABC da Literatura*.

*Poemas Amenos, Amores Demais*, em sua própria estruturação interna, é um emblemático ▶

▶ exemplo dessa conceitual realidade. Principia o livro na ambiguidade lúdica que preside os elementos constantes no título. Amenos vs. demais ora sinaliza, refiro-me ao par dicotômico presente no título, para uma dimensão meramente quantitativa, ora para a leveza de amores que o poeta foi vivenciando, realística ou imaginariamente, em sua passional existência, hegemônica pela fundante experiência amorosa.

A primeira parte do livro, *Abecedário Imaginário*, reúne uma série de mini-poemas dedicados, ou melhor, inspirados em um vasto código onomástico feminino, a partir do qual o poeta, ludicamente, brinca com a realidade amorosa. Aqui o amor é sinônimo de encontro/desencontro; encanto/desencanto; alegria/tristeza; permanência/provisoriedade; certeza/incerteza, dentre outros tantos pares opositivos e inconciliáveis que imanentizam a inconcituável experiência amorosa, obsessivamente tematizada pelos poetas ao longo dos tempos.

Na segunda parte do livro intitulada *O Amor Eclético*, Ronaldo Cunha Lima canta o amor em todas as suas vastas possibilidades de manifestação. Aqui, mais que o outro com quem se interage no estabelecimento das teias e tramas do amor, o ser amado é o próprio amor, que se personifica e autonomiza, sendo encarado como fonte primeva e indesejável de plenificação humana.

Na terceira parte do livro, intitulada *Os Terceiros*, conquanto o amor ainda se configure como sema isotópico dominante, outros temários infiltram-se pelas frestas de uma territorialidade lírica timbrada pela égide da subjetividade posta em cena.

A ânsia por liberdade (Grito); o cultivo do silêncio (Fecundação do Silêncio); a consciência, não raro dolorida, da irrefreável passagem do tempo; a dicção metalinguística, que entrevê no ato/processo da criação literária uma fonte de libertação interior (Terapia); o sotaque erótico (A Blusa); o viés confessional (Meu Diário). E por aí segue o per-

curso multifacetado de um eu-lírico que faz do amor ponto de partida e de chegada de todos os seus horizontes existenciais.

Na quarta e quinta partes do livro, *As trovas e poemas e poematos*, respectivamente, alternam uma dicção minimalista com outra mais espalhada, ambas focadas no leitmotiv do amor, senha privilegiada e irrisurável da identidade lírica do criador de *As flores na janela sem ninguém*. O ponto alto do livro radica em sua sexta e última parte, esculpida por sonetos primorosos, nos quais Ronaldo Cunha Lima revela uma exuberante perícia na técnica composicional do soneto, fôrma poética irritantemente combatida pelos iconoclastas modernistas de 1922, mas que, alheia à estridente campanha que contra ela foi movida, nunca deixou de estar presente na criação poética de grandes artistas do verso, do ontem, do agora e de sempre.

Hegemonicamente decassilábicos, com alternância entre sáficos e heroicos, os versos entabulados por Ronaldo Cunha Lima revelam-nos um exímio artesão da linguagem. Conforme o acertado juízo crítico expendido pelo notável ensaísta campinense Ricardo Soares, “Ronaldo Cunha Lima arruma palavras e arruma as palavras”, na medida em que estabelece com cada uma delas um conúbio admiravelmente harmonizado, no qual a seleção vocabular ancora-se no porto da exatidão formal própria de uma emoção que raciocina e de um pensamento que se emociona.

Infenso às asfixias periodológicas, os sonetos construídos por Ronaldo Cunha Lima consorciavam o formalismo parnasiano com a perspectiva neorromântica, desembocando, aqui/acólá, em territorialidades semânticas tingidas pela mundividência simbolista, tudo bem urdido e correlacionado, temperado por uma subjetividade que olha a realidade de maneira

ostensivamente ensimesmada.

Vinculado, assumidamente, à retórica romântica, aquela que segundo o crítico Anazildo Vasconcelos evidencia-se num processo de recriação da realidade fundamentado numa dinâmica do sujeito, Ronaldo Cunha Lima, ao revisitar o predominante temário do amor, modula tons e atitudes, na ratificação de uma poética visceralmente lírica e existencial.

“Grilhões” e “O Amanhã” rememoram a atmosfera simbolista, na medida em que põem em cena eus aprisionados e, ao mesmo tempo, anelantes por uma espécie de cósmica libertação interior. “Fortaleza Interior” lembra-nos clivados sonetos de Bocage, transidos entre a ordem racional neoclássica e a desordem antirracional engendrada pelos românticos..

“Dualidade” sugere, a partir do título, a corrosiva cisão interior de que padece o eu-lírico poemático, e que é, no final das contas, apanágio indissociável de todos os seres humanos, sem exceção e sem distinção, abrigo das mais inconciliáveis paixões.

Vale ainda se registrar, no âmbito da poética ronaldiana, os poemas que tomam como fonte de inspiração os motivos e as motivações que emergem do decantado código familiar. A irreversível passagem do tempo constitui-se noutra importante temária abordada pelo criador de *Velas Enfunadas* e *Versos Gramaticais*.

Tecendo e destecendo os fios da vida, com tudo quanto ela exhibe de sublimidade e sordez, Ronaldo Cunha Lima, entre *Poemas Amenos* e *Amores Demais*, plantou-se no tempo e colheu frutos de eternidade. ❖

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

# A Pedra do Encantador

DOCUMENTÁRIO EM CURTA-METRAGEM  
PASSEIA PELO NORDESTE ONÍRICO DE  
ARIANO SUASSUNA PRESENTE NA OBRA  
'A PEDRA DO REINO'

**Claudio Brito**

Especial para o Correio das Artes

**C**erta vez, o escritor Alceu Amoroso Lima (1893-1983) disse a Ariano Suassuna (1927-2014) uma frase que o marcou profundamente: “Do Nordeste até Minas Gerais, corre um eixo que não por acaso segue o curso do São Francisco, o rio da unidade nacional. A esse eixo, o Brasil tem que voltar de vez em quando, se não quiser esquecer que é Brasil”. Ariano, impressionado com a frase, relembra, no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, que “decidiu eleger dois marcos artísticos para unir as extremidades do eixo entre Minas e o Nordeste. Elegeu o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, com os 12 profetas do Aleijadinho, como o extremo mineiro. E, com a ajuda do grande escultor popular Arnaldo Barbosa, começou a construir, em São José do Belmonte, junto às Pedras do Reino, um novo santuário”. E, assim, iniciou-se a construção da Ilumiara Pedra do Reino, a partir do Projeto Cultural Pernambuco-Brasil, elaborado por Ariano Suassuna, como Secretário de Cultura de Pernambuco, em 1995.

A Ilumiara Pedra do Reino é formada por 16 esculturas de pedra, de 3,5 metros de altura, no formato de um círculo. Um semicírculo representa “o Sagrado”, com o Cristo, ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO

► Nossa Senhora e santos católicos; o outro, “o Profano”, com reis, rainhas e princesas do Reino Encantado da Pedra do Reino, instituído entre 1835 e 1838. Esse santuário barroco, cujo monólito central é a Pedra Bonita, ou Pedra do Reino, dialoga diretamente com o universo do *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, de Ariano Suassuna. O romance utiliza o episódio messiânico da Pedra do Reino – um delírio coletivo autodestrutivo, ocorrido em maio de 1838, que culminou em uma matança com dezenas de mortos – como “metáfora de nossa realidade social”, em que as elites do Brasil oficial exploram e humilham o povo desfavorecido do Brasil real. Dessa forma, Ariano evoca os movimentos populares, principalmente sebastianistas, como expressões de um povo “desvalido e infortunado”, ansioso pela verdadeira justiça social, movido pelo sonho do bem-estar cotidiano.

E é justamente por mostrar as expressões telúricas, oníricas e poéticas desse sonho coletivo – marcadas, historicamente, no Sertão nordestino, pelo Sebastianismo -, por meio das cavalgadas e cavalcadas realizadas no município de São José do Belmonte, em Pernambuco, que o documentário de curta-metragem *A Pedra do Encantador: Ode a Ariano* (2019), de Marcos Carvalho, é uma obra profundamente emblemática. Vendo, no documentário, cavaleiros ornamentados, sorridentes, festivos, ficamos sabendo que são “seguidores de Ariano”. E, como Ariano, podemos sentir que carregam o “riso a cavalo” e o “galope do sonho”, na esperança quixotesca – e, por isso, grandiosa – de um futuro mais harmonioso, pacífico e igualitário.

A Cavalgada à Pedra do Reino ocorre uma vez por ano, desde 1993, no último final de semana de maio. Após o encantamento de Ariano Suassuna, a Associação Cultural Pedra do Reino, responsável pela organização das cavalgadas, resolveu homenageá-lo, juntamente com a sua Missa de Encantamento, na Ilumiara Pedra do Reino. Dessa forma, *A Pedra do Encantador: Ode*



*“QUIXOTE SERTANEJO” - O ator Renato Magalhães encarna Quaderna em um curta-metragem que mergulha em uma das obras mais famosas de Ariano: ‘O Romance d’A Pedra do Reino’*

a Ariano registra a rememoração e a celebração de Ariano e sua obra, na III Missa do Encantamento do Imperador da Pedra do Reino, em 2017. Por isso, o documentário apresenta personagens importantes no universo afetivo e literário de Ariano – a sua família e o povo de Belmonte. Segundo o pintor Manuel Dantas Suassuna, filho do escritor, “a Missa do Encantamento simboliza não somente a rememoração do encantamento, mas uma celebração a todo pensamento dele, tudo que ele pensou para o Brasil. Um Brasil mais justo, mais fiel ao seu povo”.

Em *A Pedra do Encantador: Ode a Ariano*, o escritor e professor Carlos Newton Júnior, maior pesquisador da obra suassuniana, comenta que Ariano “foi um homem que nasceu no Brasil oficial, mas optou por lutar pelo Brasil real”, e, justamente por isso, o seu trabalho literário – de caráter político, pois visava

a transformações culturais e sociais – tinha como objetivo “construir pontes para ligar esses dois Brasis, que são tão separados, por um grande fosso, sobretudo do ponto de vista econômico”.

Essa luta pelos injustiçados do Brasil e do mundo, emblema maior de sua obra literária, quando travada nos Palcos de suas Aulas-Espetaculosas, adquiria um matiz mágico, encantatório, sedutor, diante de, muitas vezes, centenas de deslumbrados espectadores, que o ouviam falar, de maneira engraçada e sensata, ►



► de literatura, música, dança, artes plásticas, cultura popular etc. No entanto, sua extrema lucidez e seu grande senso de humor não eram os únicos elementos responsáveis por suas apresentações emblemáticas.

Seu gesto vocal e seu olhar terno, chapliniano, permeados de compaixão, esperança, amor ao Brasil, às artes e à vida, cativavam o público de maneira enternecedora, marcante. “E foi por isso que, como um Quixote sertanejo, ali em Arcoverde ele hipnotizou uma Plateia de quase 2.000 pessoas, com a sua técnica de encantação que remonta aos primórdios da expressão literária – a Arte oral de narrar histórias”, diz Ariano sobre seu heterônimo Dom Pantero, em seu último livro.

Nessa perspectiva, é tocante, no documentário, o depoimento de Manuel Dantas Vilar, sobrinho do escritor: “Se a Pedra do Reino é um marco para o Brasil, Ariano é um marco para o mundo”. De fato, sua luta compassiva, consciente e enérgica em prol do povo do Brasil real é exemplo de resistência a ser seguido por todos aqueles que se sentem inquietos, inconformados e indignados diante da injustiça, da exploração e da miséria predominantes em nosso mundo. A obra literária e artística de Ariano e sua luta incansável pela

cultura brasileira são seu grande legado, seu marco, sua “Pedra-do-Sonho”, a semente de lótus plantada no jardim da consciência de cada um de nós.

O documentário de Marcos Carvalho nos faz perceber que, ao lutar dignamente por um Brasil mais justo e igualitário, Ariano estabeleceu uma relação afetiva, religiosa e artística com o povo de Belmonte. Por isso, um sanfoneiro, com as Pedras do Reino ao fundo, comenta: “Essas pedras só cresceram mais depois que Ariano passou por aqui”. E as pedras cresceram porque o povo de Belmonte resolveu “seguir” – encantado, deslumbrado e enfeitado – as mágicas, maravilhosas e literárias palavras do velho e carismático professor-palhaço. Um cavaleiro encantador que, em suas aulas-espetaculosas, com seu “riso a cavalo” e “galope do sonho”, soube cativar, alegrar, sensibilizar e conscientizar multidões, em seu Circo da Onça Malhada, com o intuito de mostrar “a face do Brasil verdadeiro e profundo – o Brasil

#### O POVO DE BELMONTE

- Em sentido horário, a partir da primeira foto à esquerda: Manuel

Dantas, filho de Ariano, a cantora Isaar França, João Suassuna e Manuel Dantas

Vilar, respectivamente neto e sobrinho do escritor: personagens de um filme que mergulha no universo afetivo do autor de *A Pedra do Reino*

‘que poderia ter sido e que não foi’”. Dessa forma, *A Pedra do Encantador*, mais do que uma justa ode a Ariano, torna-se uma chamada, para uma tomada de consciência individual, na perspectiva de construção de um sonho coletivo. É um belo, sereno e mágico conto imagético, que nos faz sonhar dignamente não com “muros”, por medo do desconhecido e aversão às diferenças, mas com “pontes”, para caminhar rumo a um horizonte humano mais justo, solidário e pacífico. ✦

**Claudio Brito** é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) e documentarista. Possui graduação (UFPB) e mestrado (UFC) em Engenharia Elétrica e doutorado em Linguística (UFPB), na área de leitura literária e oralidade. Desde 2016, é ocupante da Cadeira 01 da Academia Paraibana de Cinema, em vaga deixada pelo cineasta Linduarte Noronha (1930-2012). Entre seus principais trabalhos, estão os documentários de longa-metragem *Ariano: Suassunas* (2013), *Pelo Caminho Sagrado: Andante* (2015) e *Euclides: o peregrino das palavras* (2016). Mora na capital da Paraíba.

# Peça

## sobre peça

**M**inha engomadeira perdeu seu único filho. Depois de um mês, voltou ao trabalho, me forneceu mais detalhes do ocorrido. E chorou muito. Não me contive quando ela falou o que o filho, acuado na dor, atônito, lhe disse: “não estou mais suportando, mãe”. Eu tenho um filho – e a roupa dele é ela que passa. É ela que arruma a gaveta dele no guarda-roupa. Nessa sua volta ao trabalho, notei: ela arrumava a gaveta do meu filho bem devagar. Alisava as peças, antes de deitar uma sobre a outra. Cada peça que manejava, corriam-lhe as lágrimas. Cada peça que abrigava no fundo da gaveta, parava, respirava fundo. Foi aí que pedi que ela deixasse que eu mesma ia ajeitar a gaveta do meu menino. E me dirigi até ela, lhe dei um abraço forte, detido. E choramos juntas. O coração de uma mãe instalando-se no da outra. ✦



**Rinaldo de Fernandes**  
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



# Trocando as bolas

**Rau Ferreira**

Especial para o Correio das Artes

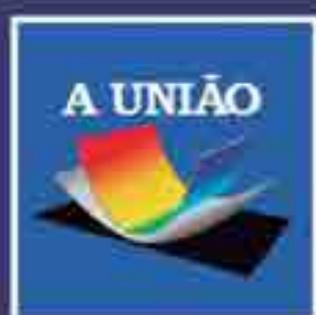
**P**edro Pichaco decidiu ir para Feira de Santana/BA, e nesta cidade se apresentou com o jogo das bolas. Basicamente, um saco de tecido escuro e no fundo duas bolas, uma branca e outra preta. O desavisado apostava em uma cor e caso fosse retirada outra perdia o dinheiro. O fato é que Pedro havia marcado a bola preta e no tato descobria rapidamente qual deveria retirar e mostrar ao jogador.

Apostando na preta, saía branca e vice-versa. Um grupo de alunos percebendo a farsa distrai o mandrião e troca a bola preta restando assim duas brancas no fundo do saco. E segue-se a parada. A turma de estudantes resolve arriscar a mesada na preta, para infelicidade de Pedro que procura em vão a bola selecionada; depois lá pelas tantas, mudam para branca em tom de brincadeira, deixando o malandro de calças-curtas.

A essa altura a soma era considerável e Pedro não tinha como cobrir aquele jogo. Suando frio, o negro remexe o saco com agilidade, mas nada de encontrar a esfera preta para apresentar aos jovens. Finalmente, puxa do saco a bola - que obviamente era branca - e diz: está valendo a que ficar no bisaco! Ora, os garotos não podiam confessar que só havia bolas brancas e foram obrigados a reconhecer a esperteza do mandrião. ❖



**Rau Ferreira** é poeta e escritor. Integrante dos Institutos Históricos e Geográficos de Esperança e Areia e do Instituto Histórico de Campina Grande. É membro da Academia de Letras de Campina Grande e tem vários livros publicados, entre eles *As Aventuras de Pedro Pichaco* (2017) e *Ovelha Perdida: A tragédia do Sítio Velho* (2018).



126  
Anos

## Fazendo história desde 1893

*O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do Mundo. São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 125 anos de história*

### **Fale com A UNIÃO**

**Reserve seu anúncio (83) 3218.6544**  
comercialauniaopb@yahoo.com.br  
publicajornaluniaopb@gmail.com

**Peça o seu orçamento (83) 3218.6525**  
orcamento.auniaopb@gmail.com

**Sugestão de pauta? (83) 3218.6539**  
uniaopb@gmail.com

**Diário Oficial (83) 3218.6533**  
wdesdiario@gmail.com

**Faça a sua assinatura (83) 3218.6518**  
circulacaoauniaopb@gmail.com

**Publicidade Legal (83) 3218.6526**  
comercialauniaopb@yahoo.com.br



**A UNIÃO**  
Suplementos de Turismo e Cultura

uniaopb.gov.br

 uniaopb

 uniaopb@gmail.com

# Faça parte do Sesc!



## Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

## Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

## Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

## Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**